

50
ANOS
EM
SEIS

Brasília, prosa e poesia

ANDRÉ GIUSTI

FERNANDA BARRETO

JOSÉ REZENDE JR.

LIZIANE GUAZINA

NICOLAS BEHR

PEDRO BIONDI

50
ANOS
EM
SEIS

Brasília, prosa e poesia

ANDRÉ GIUSTI

FERNANDA BARRETO

JOSÉ REZENDE JR.

LIZIANE GUAZINA

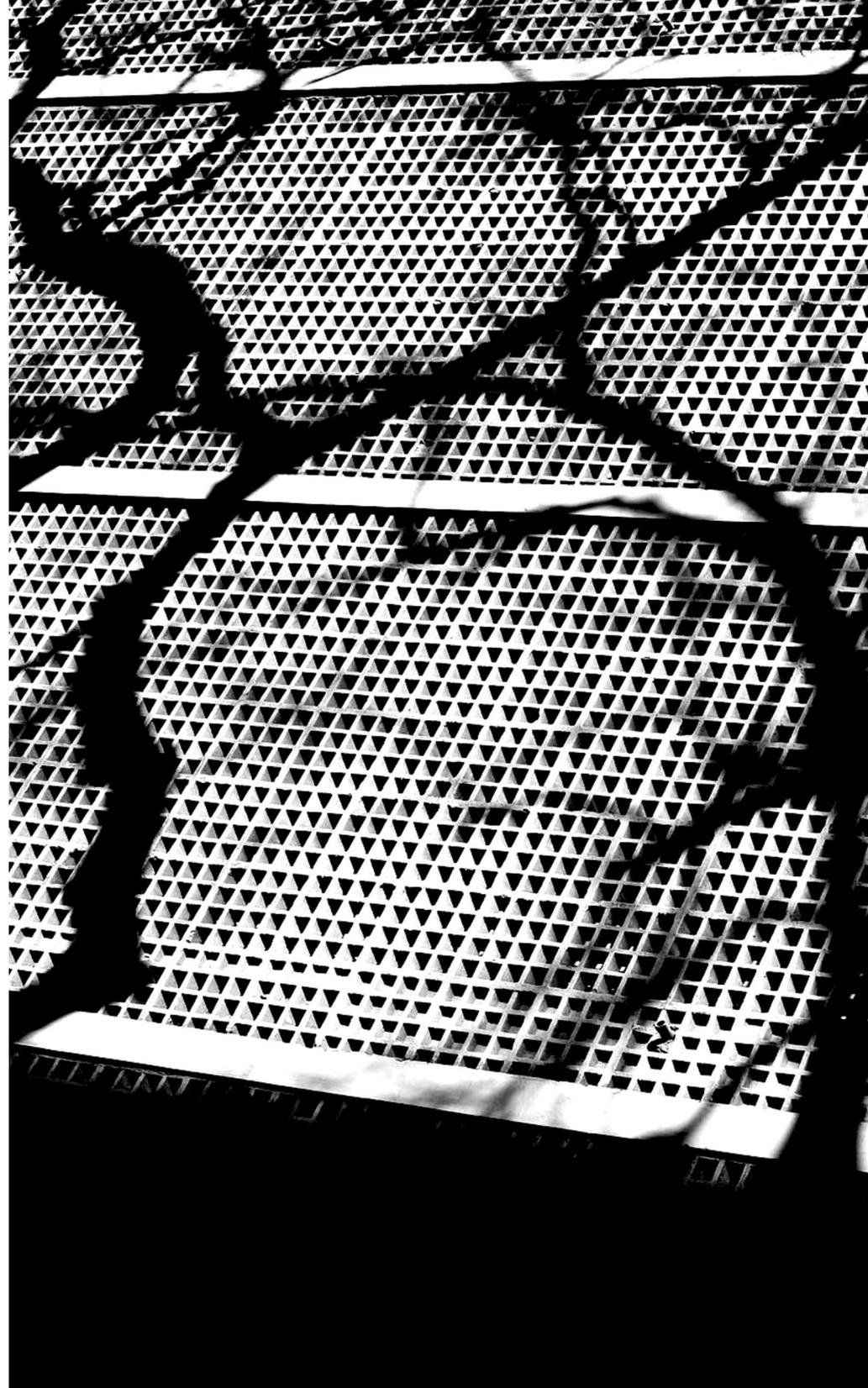
NICOLAS BEHR

PEDRO BIONDI

projeto gráfico e capa: Bruno Schürmann

fotografia da capa: Patrick Grosner

revisão: Leonardo Menezes





pelas ruínas de Brasília

podemos ver:

como a cidade foi um dia

como a cidade será um dia



5 ANOS EM 50

Pois desse tempo todo o que prestou foi só a época da construção. Cinco anos de trabalho duro, sol quente, comida fria, derrubando árvore, levantando moradia chique pra gente não-morar, varando noite sem dormir. Mas a gente sonhava. Ah, moço, cada sonho...

MEMÓRIAS DO GOZO (Nº 1)

Trabalhavam sem parar e quando era domingo eles cansados dormiam dentro de mim. E eu sonhava o sonho que vinha no gozo deles.

MEMÓRIAS DO GOZO (Nº 2)

Guardo dentro de mim o ressecado gozo de cada candango. Argamassa desta cidade, moço, misturaram foi no meu ventre.



SÃO TOMÉ

Era tudo mato fechado, moço. Bicho tinha muito, mas onça eu nunca que não vi, então devia de mesmo não ter. Dizem que um rapaz do Ceará uma vez se deparou com uma toda brava e faminta. Inté acharam o capacete dele, mas como o cearense nunca que apareceu pra confirmar a história, e a onça também não, então deve de ser lorota.

AS MULHERES NA RUA,
NO MEIO DOS REDEMUNHOS

A ventania levantava os vestidos e a gente via que até as moças eram da cor de poeira. E de vez em quando dava um redemoinho tão forte que carregava elas pro rumo do céu. Eu mesmo perdi muita mulher assim.

e o verbo
se fez carne

e de carne
se fizeram os blocos

esqueletos
de superquodras
desossadas

cidade branca
mediterrânea lagoa
admiração solar



anunciaram a utopia
mas foi Brasília que apareceu

UMA HISTÓRIA DE BRASÍLIA

O erro de Venâncio foi não ter notado que ter sido fizado por aquele olhar de abismos seria toda a sua perdição. Pois era isso o olhar de Paula: um precipício tão alto, que lá de cima não se ouvia no solo o impacto do corpo que nele se lança. Não passava disso o olhar de Paula (como se fosse pouco): um despenhadeiro onde eram jogados os homens que com ela se aventuravam, uma queda sem escapatória rumo ao desespero e à loucura. Venâncio deveria ter percebido que aquele olhar, àquela hora do dia na estrada que cortava o nada do cerrado e a imensidão da Chapada, só poderia ser provocação do tnhoso. E se percebesse, homem temente que era, teria desviado os olhos para o chão, como fazem de costume e sempre deveriam fazer as gentes do interior feito ele. Mas pelo encanto que nele despertava, Venâncio via esse povo de Brasília como se não fossem de carne e osso, e outro deus, maior e mais poderoso que o das suas preces, os houvesse colocado na terra. E por isso foi sendo arrastado, engolido pelos olhos castanhos da perdição



(a maldição tem olhos castanhos, até hoje falam por lá, virou quase lenda no povoado), igual incauto que vai caindo numa vigarice, um gordo e manso boi estrangulado pela jibóia.

Venâncio olhou para trás e enxergou o que ainda era apenas um ponto vermelho lá no fim da estrada. Vinha com pressa em nuvem de poeira. Logo já ouvia o barulho dos pneus altos e grossos espalhando terra e pedras de ponta. E mais um pouco a camionete encarnada passou por ele e freou logo adiante. Venâncio cerrou os olhos esperando que baixasse a cortina de poeira, e antes que isso acontecesse já ouvia claramente a música doida que vinha de dentro do carro. De lá pularam duas garotas vestindo apenas biquíni e calçando aqueles tênis de televisão. Riam agitadas com uma alegria nervosa, como se fosse ebulição em seus ouvidos aquela música estranha que fazia som de marreta batendo sem controle em chapa de metal.

- Onde é que fica o Salto do Raizama? – uma delas perguntou sem nem dar bom dia, sem pedir licença para



falar e interromper o caminho dos outros. Ficou esperando resposta com um riso destrambelhado, os dentes mordendo uns os outros numa aflição de quem estivesse sentindo qualquer troço por dentro.

Venâncio respondeu que faltavam ainda uns 15 quilômetros, mas falou sem conseguir tirar os olhos da outra, a alourada, que tinha um ar viciado de pensamentos maus e de quem se conduzia na vida de forma imunda, mas que era a dona mais linda que Venâncio jamais vira naquele fim de mundo de onde nunca tirou os pés em 30 anos, tocando um gado aqui e ali e garimpendo uma e outra pedra semi-preciosa para vender na beira da BR. Só que não era a beleza tranquila dos anjos e das santas dos calendários da farmácia, nem era a beleza em paz do rosto de Maria posta no pequeno oratório da casa da mãe. Era a beleza que o mau também sabe ter para iludir e desencaminhar, a beleza das criaturas libertinas da noite que vagavam há séculos pelo cerrado, fazendo medo no povo honesto e de bem do vilarejo.



- Sobe aí e leva a gente lá. – e sem saber se Paula mandava ou pedia, Venâncio subiu na camionete achando que a voz dela tinha uma coisa esquisita que o assustava, como se fosse alguém falando do fundo de uma caverna alagada onde a luz do sol não chega.

Um sujeito estranho tamborilava ao volante a música doida que escutavam. Apenas balançou o rosto quando olhou para Venâncio, que não conseguia ver seus olhos por trás de uns óculos escuros que de tão grandes tomavam-lhe quase que o rosto inteiro. Tinha o cabelo raspado e uns músculos inchados de ginástica. Tatuagens de bichos ferozes ocupavam-lhe o perímetro do peito e dos braços largos. O cara engatou uma primeira e saiu acelerando forte assim que Venâncio bateu a porta do carona.

Durante todo o caminho foi aquela música infernizando o juízo, e as garotas rindo alto e falando de uns assuntos que Venâncio não tinha a menor idéia do que fossem. O sujeito de vez em quando dava duas ou três palavras, que



por causa da música Venâncio não conseguia entender, mas as duas se acabavam de rir como se ouvissem piadas, fazendo estardalhaço feito pássaros que fogem da chuva no fim do dia. Na cabine apertada para quatro, a coxa nua de Paula imprensava a de Venâncio e uma camada de suor brotava entre as duas. Mudo, ele olhava o retrovisor como se nem estivesse ali, e sentiu que a mão de Paula tocou seu joelho e foi subindo. Teve a impressão de que ela virou o rosto pro lado contrário e deu um beijo na outra garota, mas ele permaneceu sem tirar os olhos da estrada que via se perder no espelho.



Pararam o carro em uma clareira que servia de estacionamento. Dali andariam uns trezentos metros por uma trilha de vegetação rasteira até que chegariam à cachoeira. Venâncio disse é por aqui, quase com medo de abrir a boca no meio daquela gente doida, as garotas dançando abraçadas, a música que prosseguia perturbando o silêncio da natureza, o cara olhando em volta



sem tirar aqueles óculos de mosca, como se aguardasse uma emboscada. Vocês peguem essa trilha aí, ó, e mais uns cinco minutos chegam no Raizama, e agora Venâncio falou corajoso, como se com aquela firmeza toda dissesse missão cumprida e que agora precisava voltar. E já estava mesmo dando uns passos para trás antes de virar o corpo e seguir na direção oposta, quando aquele demônio de mulher se desgarrou da safadeza que tentava fazer com a amiga e veio atrás dele, já o alcançando pelo braço e deslizando a outra mão pelos seus quadris. Vem com a gente, rapaz, ela o puxava no sentido da trilha, e desse modo chamava-o a seus abismos. Ele resistia ainda, fazia de freio a sola do pé fincada no chão de terra. Estava a uns dez quilômetros de casa, teria que andar tudo aquilo de volta e já eram quase onze da manhã, a mãe no rancho poria em pouco o almoço e depois ele prometera terminar um serviço num sítio lá perto. Mas a endiabrada da loura acariciava-lhe as costas e a outra mão deslizava do seu ombro pelo seu braço inteiro até fechar com firmeza em seu pulso e começar a conduzi-lo em direção à picada que se perdia mato adentro. A doida



da amiga cantava a música louca, pendurada no pescoço do outro com as pernas enganchadas na cintura dele e tentando fazer girar o sujeito que não parava de olhar desconfiado todos os cantos que conseguia enxergar por trás da lente preta.

Venâncio já não fincava mais os pés no chão, já não oferecia resistência e se deixava conduzir apressado, começando a se deliciar com aquele biquíni azul claro que não escondia quase nada de Paula. Quando se deu conta já passara da metade da trilha e chegara à beira do poço largo e profundo que se formava com a queda d'água, e onde Paula parou, esticou os braços para o alto e com a ponta de cada pé tirou os tênis. Em seguida fez o gesto que só abandonaria a lembrança daquele pobre diabo daquele miserável fim de mundo quando a morte viesse roubar dele a claridade dos dias: uniu o dedo indicador e o polegar em forma de pinça e com eles assim desatou o laço do biquíni cor do céu e a peça se desprendeu qual folha seca que cai em tarde sem vento. Antes mesmo que entrassem pelas vistas daquele capiau besti-



ficado os contornos da bunda despida de Paula, ela, mais rápida que um bote de bicho arisco, cruzava as mãos por trás das costas e fazia o mesmo com a parte de cima da vestimenta. Virou-se para Venâncio, os seios duros fluando entre sombras e luz do fim da manhã, disse vem e se tacou na água escura e fria que ali se amansava após cair com força do despenhadeiro. E enquanto Venâncio tentava entender os movimentos de peixe exótico com que Paula dava voltas pela água, a outra doida passou por ele correndo para o mergulho, e nua do mesmo jeito desapareceu por segundos na escuridão profunda do lago. Voltou à tona gritando daquele jeito estranho de quem misturava euforia e desespero. Na beirada, o cara também estava nu, e sem ter tirado os óculos fumava um cigarro de maconha, cujo cheiro Venâncio só sentia quando chegava gente de Brasília.



Venâncio não mergulhou, muito menos tirou a roupa. Ficou ali mesmo, na beira, abraçado aos joelhos, de um



lado olhando constrangido aquela gente bonita de comportamento libertino; de outro, enfeitado, espiando Paula vencer a correnteza com sua nudez distorcida embaixo d'água. Ele disfarçava, desviava os olhos na direção de uma árvore besta qualquer quando ela e a outra ficavam boiando na água trocando carícias, cochichos e risinhos e olhando também para ele.

Permaneceria daquele jeito pelo tempo que descesse a cascata do desfiladeiro, não houvesse o tihoso em forma de mulher linda se aproximado outra vez para chamá-lo, quase mandá-lo entrar na água. Paula agachou-se junto a ele, como se ficar nua perante um estranho fosse tão natural como sair molhada da cachoeira, e da mesma forma natural foi puxando pela mão aquele rapaz xucro que ia perdendo a timidez à medida que avançavam rumo à água, fixado às coxas firmes e viris de Paula indo à sua frente, sustentando a bunda redonda e dura. Então nem prestou bem a atenção em como acabou nu também, na beira da água, esquecendo que achava vexame a cueca ordinária e encardida, e que o inibia a própria pele com



cicatrizes da roça e manchas de quem vive em lugar pobre. Rindo com escárnio, ela olhou despidos seus ombros e braços fortes, os músculos do peito, seu abdômen reto, disse imundícies com jeito de quem conhece mesmo todas as baixezas do mundo e atacou Venâncio com mãos loucas e deslizantes e com a língua espetada, saindo da boca feito uma serpente possuída. Durante o beijo ele sentiu tremores e rigidez, e mesmo que na hora não desse importância, sentiu também a angústia que nos avisa quando as coisas não vão acabar bem.



O sol já havia se posto, mas sobrara a claridade do crepúsculo, quando os três largaram Venâncio na beira da estrada, no acesso ao caminho para a cachoeira. Ele desceu sem jeito da camionete apertada, arriscou um até logo gente, mas não houve resposta da outra garota que mantinha a cabeça girando ao som da música doida nem do cara que aguardava a escuridão da noite com seus óculos pretos e enormes. Era como se Venâncio jamais houvesse

existido para eles. Paula ainda agradeceu rápido, tchau, valeu, disse acenando sem muita vontade, com metade do braço para fora da janela. Apenas isso, e o que restou àquele homem rude foram dez quilômetros de estrada de volta e a escuridão espessa que ganhava corpo rapidamente.

Caminhava com pressa e quem o olhasse de perto o julgaria atordoado, com algum problema na mente. Era a lembrança das imagens daquela diaba louca subindo e descendo pelo seu corpo, a tarde inteira, fazendo imundícies que nem por dinheiro as prostitutas da BR que passava ao largo do povoado admitiam fazer. Cala a boca, peão, e a voz rouca saindo da boca do demônio era quase um chicote dando nas costas de um condenado, só porque fez menção de falar, elogiar os bicos rosados dos seios, a rigidez saudável da bunda que jamais vira nas putas que aceitavam seus trocados. E ela gemia, trocava de pose, faz isso, faz aquilo, mandava e queria que fosse logo e falava alto. E a voz se repetia agora, na cabeça de Venâncio, vinda do fundo do céu que escurecia enquanto



ele andava. Uma hora ela berrou cadê Fernando, cadê Simone, o cara e a garota estranhos. Ele tentou dizer que lá queria saber deles e ela: te aquieta peão, imitando com deboche o falar dos dali, e gargalhava como devem fazer os mensageiros de satã, cuja tarefa no mundo é capturar umas bestas quadradas feito Venâncio e levá-las ao fogo. Aqui peão, assim peão, e Paula jamais falou o nome de Venâncio porque nunca quis saber, Paula nunca lembrou do rosto de Venâncio porque quase não olhou para aqueles traços fortes castigados de sol, suor e cansaço da vida. Apenas fechava os olhos se mexendo possuída e quando os abria era para girar a cabeça fazendo o contorno pelo céu azul da tarde e berrar palavras e imundícies e chamar Fernando, Simone, corram aqui, como se houvesse achado um pote de ouro, um bicho raro.

O que foi do roçado, do serviço de hoje que prometera fazer? A mãe queria saber quando ele foi dar em casa. Entrou pela porta da sala escura e paredes azuladas pela luz da televisão, passou por ela com os olhos



opacos e na cabeça o demônio louro ainda dançando com a bunda e os peitos de fora. E a mãe falava também do almoço, da janta que guardou, do domingo amanhã tem missa, e ele teve um impulso como quem tem de vez em quando um troço, não comeu nem tomou banho, saiu de novo, ainda no corpo o cheiro das imundícies de Paula. Procurou no centro do povoado, nas pizzarias e restaurantes chiques onde nunca parara nem na porta, aonde só entravam os que vinham de fora. Foi só no fim da rua que chamavam de principal que viu a camionete parada, mas com os faróis já acesos e o motor ligado. Assim que correu, eles partiram com pressa, levantando poeira, a música doida ficando distante. Vão para uma festa de embalo numa fazenda por aí, disse alguém que ele conhecia, levaram bebida forte e cerveja gelada. Ofegante, Venâncio respirava a poeira levantada que ainda não descera toda.

Voltou para casa sem querer acertar o caminho, para ver se largava em algum lugar aquela angústia que esmagava por dentro o peito. No céu escuro chegou mesmo a ver a boca



de Paula querendo engoli-lo, do mesmo jeito que as noites sem lua fazem com o cerrado.



Venâncio vagou dez, quinze dias a esmo pelo povoado, parando sempre que era possível olhar para o nada, sem pensar, virando para trás na estrada toda vez que ouvia barulho de pneu espalhando a terra batida. Aceitou um ou dois serviços, consertou uma cerca, fez um roçado, quase nada para quem começava a trabalhar antes do sol e voltava da lida se orientando pelos vaga-lumes. Certas tardes sumia, ia para o Raizama sentar na beirada do poço manso, como se as águas houvessem sido capazes de guardar a nudez de Paula. Passava os olhos pelas árvores tortas e nativas, maciças feito as rígidas e viris coxas de Paula. A cachoeira rebentava nas pedras e ele chegava a pensar que assim escarnecia dele e de tudo, feito a voz lúgubre de Paula. Em alguns dias que voltava de lá, parava na birosca e pedia uma cerveja, que nem bem chegava a terminar. Foi em uma dessas ocasiões que



encostou no balcão, junto a ele, o primo Armando, que cresceu no povoado e foi para Brasília arrumar trabalho. Conseguiu emprego na segurança de um dos grandes tribunais da Justiça, o que perante os olhos daquela gente dali o fazia conhecedor da vida e das verdades. Em uma dessas quebradas por onde entram as conversas fiadas, Armando acabou se referindo a uma certa patife loura, que é alta funcionária lá no tribunal e que outro dia andou por aqui muito doida de fumo, pó e bebida, ela, uma outra bem doida também e um sujeito que acordava e deitava chapado. Seu Tinoco da Aroeira disse até que enxergou de longe ela e um peão daqui, na maior indecência, três horas da tarde pra quem quisesse ver, lá no Raizama. Eu mesmo, que arrumei um bico numa festa doida lá na Fazenda da Ponte Alta, vi a bandida sumir com um e aparecer de novo com outro.

Era como se um punhal de gelo houvesse atravessado o peito de Venâncio, mas ele manteve o que parecia dignidade. Feito pedra, ouvia Armando contar empolgado o que sabia das devassidões de Paula. Essa mulher anda



com quase todo mundo lá do tribunal, e o primo elevava o tom, como se fosse preciso contar também para quatro ou cinco jagunços que bebiam na birosca. Contou de um juiz que fez de tudo para traçar a bandida, e como que por capricho ou desprezo ela não fosse com ele, o coroa meteu a mão no bolso e chegou pra ela com dois mil na mão, tudo em nota de cem: e agora, você vai ou não vai? Você acha que ela não aceitou? E isso eu sei porque quem me contou foi o motorista que trabalha com ele. Igual a essas desgraçadas que ficam na beira da BR, a diferença é que elas fazem por necessidade, a outra fez por safadeza, mesmo. Algum capiau perto murmurou é verdade. Venâncio baixou os olhos duros dos homens que não podem chorar. A cabeça doía pesada, rodava depressa sem encontrar um pensamento certo.

Quando a conversa mudara há muito de rumo e Armando já ia mesmo tomando a última antes de ir embora, Venâncio pegou no braço dele, um sorriso disfarçado no canto da boca fingia picardia. Contou forçando uma risada para o primo que o peão lá no Raizama traçando



a bandida era ele próprio, e o primo ergueu as sobrancelhas num espanto divertido e maledicente: era? E Venâncio carregou ainda mais na risada falsa, uma espécie de choro ao contrário, dizendo que sim com a cabeça e perguntando como é que eu encontro essa mulher? Não, lá onde você trabalha, não, devolveu de pronto a sugestão, queria que você me conseguisse o endereço dela. O outro encarou Venâncio, ressabiado queria entender aquela pretensão. Mas não fez perguntas, apenas prometeu: semana que vem eu trago.

Já era noite na saída da birosca e Venâncio foi andando pela estrada do mesmo jeito dos últimos dias. Quando lembrou que chegou a imaginar Paula largando a cidade e vindo morar com ele no povoado, uma coruja piou no mato como se estivesse debochando dele.



O caminhão em que pegou carona cortava as vias retas e desimpedidas de Brasília, mas Venâncio não tinha nos



olhos nem uma sombra que fosse da admiração dos que vêm pela primeira vez aqueles palácios e monumentos iluminados. Não sei o que eles fazem aí que a vida da gente só piora, o motorista apontou quando passaram pelo Congresso Nacional. Venâncio olhou a construção sem realmente saber o que se fazia ali dentro, e não tinha mesmo qualquer vontade de descobrir. Nada que estivesse do lado de fora de sua cabeça possuía qualquer significado no momento.

É aqui, ó, e o motorista fez sinal com a mão espalmada enquanto encostava o caminhão. Bairro de bacana, vai procurar emprego de caseiro, é? Mas Venâncio apenas agradeceu, bateu a porta sem dar maior satisfação.

Conferiu o endereço, um emaranhado de letras e números com a caligrafia de Armando no papel encardido. Pisava decidido o chão de uma subida erma, estranhando o luxo exagerado de certas casas ornamentadas com umas insossas palmeiras que não davam sombra. Em um e outro terreno vazio, umas últimas árvores tortas



e aflitas lembravam que tudo aquilo em algum tempo fora cerrado.

Estancou no cume da subida precisando decidir se pegava a direita ou a esquerda, mas uma batida de música doida vinha como que trazida pelo vento, indicando por onde ele deveria seguir. Um cheiro de churrasco ia ficando mais forte à medida que ele caminhava e o volume da música aumentava também. Olhou o papelzinho antes de descer uma rua com uns dez carrões mal-estacionados, alguns fechando garagens. De uma varanda um coroa de porte atlético berrava ensandecido que chamaria a polícia, mas ninguém ouvia porque a música destemperada que vinha da última casa estremecia até as estrelas.

Venâncio empurrou o portão que esqueceram aberto e foi ganhando o jardim escuro. Ali, um sujeito apenas de sunga parecia desmaiado junto a uma pilastra. Foi pelos fundos até chegar a uma porta de vidro que dava acesso ao interior da casa. Empurrou e a porta não abriu, mas no mesmo instante um outro sujeito de dorso nu, olhos



vermelhos e fala enrolada chegou em seu ouvido e gritou se ele era o caseiro que ia buscar cerveja. Venâncio respondeu sim com a cabeça e teve a porta aberta como se houvesse dito uma senha secreta. Rapidamente já estava na sala imensa, de móveis caros e chão encerado, onde um grupo de homens e mulheres sem a parte de cima do biquíni pulava e girava os pescoços ao som do bate-bate sem controle. Paula não estava entre eles. Um cheiro que misturava carne queimada, vômito e cerveja derramada deixava o ar pegajoso. Aproximou-se de uma garota pálida, encostada na parede, que não se mexia e mantinha os olhos retos em algum canto dali. Onde está Paula? Ele berrou no ouvido dela e quase recebeu no peito um jato de vômito amarelo e viscoso que foi acertar em cheio uma poltrona colorida ao lado.

Paula, onde está Paula, e entrava pela casa berrando nos ouvidos daquela gente dopada que sequer o enxergava pela frente. Um sujeito pelado passou correndo com uma garota nua nos ombros; um outro surgiu do mesmo jeito carregando um terceiro, e duas garotas nuas



corriam atrás imitando os dois. Venâncio lembrou da mãe e dos emissários do demônio sobre os quais ela avisava desde que ele era pequeno. Paula, onde está Paula? E começou a abrir quartos e banheiros, flagrando repetições da merda de mundo no qual vivia aquela mulher que o enfeitiçara.

Ao abrir o último quarto, identificou o deboche de uma voz que gemia como se viesse de uma caverna alagada, e um facho de luz do abajur clareou aqueles olhos de abismos cínicos. Paula pareceu-lhe horrenda, desfigurada, um lagarto monstruoso que vira na TV quando era criança e que matava e comia seres humanos com violência e voracidade. Ah, peão, sai daqui, vai embora, quem te convidou? Para seu espanto e surpresa, ela o reconheceu apesar de doida e da visão prejudicada pelo sujeito e a garota que também estavam na cama, outros que não os daquele dia no Raizama.

Venâncio tirou do casaco a pistola que até hoje pouco se sabe como conseguiu. Apertou o gatilho sem saber



atirar, substituindo a técnica pela loucura. Algumas balas ricochetearam no chão e nas paredes, e outras acertaram Paula, o sujeito e a garota, calando a noite, encerrando a orgia. E como fosse apenas um desgraçado pobre e possuído que acabara com a vida de gente rica e influente, foi condenado a deixar a prisão apenas quando estivesse bem velho.



O DEDO INDICADOR

1

O telefone toca sem parar. David se levanta, procura o par de chinelos em meio à bagunça de livros e revistas espalhados pelo quarto. Sem saber onde colocou os óculos e qual a razão das cortinas estarem fechadas em plena tarde de sábado, tateia em busca do aparelho ao lado da cama e atende.

- Alô! – grita, irritado.

- Tenho algo que te interessa. – sussurra a voz do outro lado. É uma voz de homem, trêmula, sotaque gaúcho acentuado.

- Quem fala?

O homem não responde e a ligação é cortada. David suspira fundo. Não quer pensar nesta história novamente. Não pode. Não agüenta. Chama pela mulher.

- Velha!

Mona baixa o volume da televisão, porém, nem se preocupa em responder. Ela sabe que ele estará a seu lado em



um minuto. David caminha mais rápido que um atleta dos cem metros rasos e tem a paciência de uma criança de cinco anos. Apesar de já ter completado setenta no mês passado.

- Velha! Não ouviu o telefone?
- Cochilei, David, cochilei...
- Então por que não foi se deitar comigo?
- O filme estava tão bom...
- Outra ligação daquelas.
- De novo?
- Não vou mais atender. Da próxima vez, você atende.

Ela já está longe, distraída. Voltou ao filme da Diane Keaton e do Jack Nicholson.

2

David prepara a massa do pão de centeio na cozinha, sua atividade preferida aos domingos. O telefone toca.

- Velha!



Mona está no banho. Contrariado, ele deixa tocar cinco vezes antes de, enfim, capitular.

- Alô!
- Eu sei que tu estás trabalhando no Ministério da Saúde. E almoça quase todo dia no restaurante chique da 113 Sul. Além disso, costuma caminhar bem cedo na quadra com tua velha. Agora, escuta o seguinte. Eu tenho o que tu procuras. Mas tem um preço.

David não respira. A boca está seca, as mãos, suadas. O homem continua, sem trégua.

- Trinta mil em dinheiro. Notas pequenas. E sem PF na jogada.

David tenta articular uma resposta. Suas faces ficam vermelhas, os olhos se enchem de lágrimas, já foi enganado uma vez, não pode cair novamente. Quando isso vai acabar?



- Calhorda! Cafajeste! – são as únicas palavras que lhe vem à boca.

- Não queres encontrar tua irmã? – desafia o homem, antes de desligar.

David sente uma terrível dor na nuca. Corre para a cozinha em busca dos remédios para hipertensão. Mona abre a porta do banheiro. O vapor quente deixa sua pele corada. Os cabelos brancos úmidos estão colados à cabeça. David joga-se em seus braços magros e desata a chorar.

3

Toda segunda-feira, antes de seguir para o trabalho, David costuma passar na padaria e tomar um café com leite. Mona não acorda cedo. Além disso, nunca foi amiga da cozinha. Em quarenta anos de casados, o máximo que ela já fez foi um ensopado de peixe, que de tão raro, tornou-se receita disputada entre filhos e netos. Mas ela nunca contou para ninguém como se faz. David balança a cabeça. Mona é assim, sempre foi, sempre será. A balconista o interrompe.

- Seu David, deixaram um envelope para o senhor agorinha mesmo.

- Quem deixou?

- Não sei, não vi. Meu pai que pegou.

- Cadê seu pai?

- Já foi para a Esplanada vender pastel.

Davi abre o envelope. Dentro, uma cópia do depoimento de David publicado no livro dos Desaparecidos Políticos. E outra de uma reportagem da revista Veja sobre a morte de sua irmã, Ana Flor, pelos órgãos da repressão. Atrás, uma anotação escrita à máquina: Bar Paulicéia, 113 sul, 18h, hoje.

4

Mona tenta impedir David de sair de casa. Já anoiteceu e ela não quer que ele encontre o tal homem. Sabe que o marido passou o dia inteiro pensando nisso e não comentou com ninguém. É desnecessário envolver inocentes na história.



- Velha, eu vou – o olhar de David é firme. Quando é assim, não tem jeito. Mona acompanha seus passos rápidos antes que ele feche a porta.

5

O bar está cheio nesta hora. O pessoal que trabalha nas lojas da entrequadra sempre passa por lá para tomar um trago antes de pegar o ônibus para as cidades satélites. Davi conhece o Paulicéia de outros tempos. Costumava vir com um amigo para tomar chope aos sábados. É um pé-sujo com boa fama. Ele procura um sinal, um olhar entre os muitos freqüentadores que bebem cerveja e cachaça. A iluminação é fraca, nem todos os rostos estão visíveis o suficiente. As vozes se misturam, risadas soltas. Decide sentar-se na última mesa do canto esquerdo. Se o homem sabe quem ele é, saberá achá-lo. Mais de vinte minutos depois da hora marcada, um garoto entra no bar. Não deve ter quinze anos. É magrinho, de pernas finas, e segue direto para onde David está sentado.

- Então, trouxe o presente?



O garoto é garota.

- Quem mandou você aqui?

- Ô tio, trouxe ou não trouxe?

David não pensou em plano B, nem planejou um diálogo. Esperava um cara velho, a barriga já crescida, e os tiques daquele tempo. Reconheceria qualquer ex-torturador de longe. Porém, a garota parecia tranqüila.

- Vamos até meu carro – David queria sair do bar, vê-la sob a luz da rua.

A garota o seguiu. Pararam debaixo do poste de iluminação. O rosto da garota era fino e os olhos vivamente negros. Ela começou a ficar impaciente.

- Então, cadê a grana, véio?

- Você logo vai saber. Mas primeiro me dá a informação que quero.

- Não sei onde está.

- Quem sabe então?



- Meu pai.
- E onde está?
- Aqui em Brasília.
- O seu pai ou o que eu quero?
- Os dois.
- Diz para o seu pai que só dou o dinheiro se ele cumprir o que prometeu.
- Ele não vai aceitar.
- Então não tem dinheiro. – podia ser um blefe. Podia ser verdade. Nem David sabia o que pensar no momento.
- Ele vai ligar – diz a garota, antes de sair correndo pela rua feito uma gazela.

6

O homem não ligou. David esperou por mais de um mês que a voz com sotaque gaúcho dissesse alguma coisa. Aguardava ansiosamente pela correspondência diária. E enchia a paciência da balconista da padaria. Nenhum contato. Mona evitava falar no assunto. No entanto, deixou de assistir a seus filmes prediletos no canal a cabo e deitava-se sempre no mesmo horário que ele.

David então se aninhava no corpo enrugado da mulher e chorava toda noite, antes de pegar no sono. Por fim, a angústia foi dando lugar à certeza de que era mais um embuste, uma daquelas torturas psicológicas de agentes assombrados pelo passado.

A história do tal homem era incoerente. Ana Flor foi presa e assassinada em São Paulo. Como o corpo estaria em Brasília, depois de mais de trinta anos? E o que a tal garota poderia saber daquela época? Como um pai envolvia a filha em uma chantagem dessa?

7

A única foto de Ana Flor ainda guardada entre suas lembranças mostra uma jovem confiante. O sorriso é tímido. Os olhos negros e vívidos. David acaricia a foto e a devolve para a gaveta. Ainda bem que Mona saiu. Ela sequer pode ver a fotografia de Ana Flor. Não tem coragem. O interfone toca. David suspira. O jornal sempre chega atrasado.

O porteiro está de bom humor. Diz que uma garota deixou um pacote para ele. E pergunta se é seu aniversário. David



fica lívido. O interfone escorrega por entre suas mãos, ele corre para a porta. Não tem tempo para esperar o elevador, desce os cinco andares em um átimo. Sem fôlego, quase leva um tombo antes de chegar na portaria. Vê o pacote sobre o balcão. E o agarra sem pedir licença.

- Onde está a garota? – grita, sem se importar com a cara de surpresa do porteiro.

- Não sei, não, seu David.

- Foi para que lado?

- Acho que lá – aponta o rapaz.

David desata a correr. Ao longe, enxerga a garota andando apressada. Dá tudo de si. E a alcança. Porém, não consegue falar. Está exausto.

A garota ergue seus olhos vivamente negros, úmidos, olhos como os de Ana Flor, e o encara.

- Ele está morto e enterrado.

- Como? – David não sabe o que dizer.

- Morto. De câncer. Estava nos finalmente. – diz ela, antes de dar as costas e seguir em frente com o passo apertado.



David olha para o pequeno pacote quadrado. Ao longe, a garota some entre as árvores. Cabisbaixo, volta ao apartamento. Deixa o pacote descansando em cima da mesa. Não se atreve a tocá-lo. Quando Mona chega em casa, o marido está sentado, olhando fixamente para uma caixa embrulhada em papel pardo. Ela se acomoda a seu lado e encosta a cabeça em seu ombro. Em silêncio. David respira fundo, rasga o embrulho, sem pressa. Dentro, uma caixa de madeira escura gasta pelo tempo. Ele abre a tampa e não contém o espanto diante do troféu macabro. Os dois então se abraçam e voltam a chorar aquela dor sem fim.



PLANALTO

desacostumado
à imensidão
dos detalhes,
as paisagens soam
todas iguais
ao tato do principiante.



não tente gostar
de Brasília
assim tão rápido

blocos de verdade
sobrevoam
superquadras imaginárias



BRASÍLIA NÃO PODE PARAR?

Uma das coisas de que mais gostava no meu bairro em São Paulo eram os espaços vagos remanescentes.

Gastar a sola dos pés baldios: terrenos fadados a matagar, concertos para solo de bico-de-lacre, árvores rompendo calçadas aqui e ali, cachorrada s.r.d. viralatando, crônicas ferrugens desfazendo os autoimóveis, anacrônicas ruas de terra alimentando as brincadeiras de polícia da molecada.

Um dia tive a alegria de descobrir numa baixada, entre vários prédios de relativo luxo, um imobilíssimo casal, os dois já velhinhos, modestos, levando a vida numa espécie de rancho, uma casa de estirpe bem interiorana num terreno espaçoso. Isso numa região consolidada, embora não central, da metrópole.

Faz uns cinco anos essa descoberta do Recanto Zé e Zefa (chamemos assim), e imagino que inconscientemente evitei voltar ao local pra não ter uma decepção. Sabe



aquela coisa de prainha que só a gente conhece e de repente é tomada por caixas de som sobre rodas? Meu temor se justificava: naquela comarca, nos últimos quinze anos os arranha-céus brotaram, os veterinários se reproduziram, as natações transbordaram, carros mil foram adotados, numa espécie de PAC Bairro. Tudo dando certo demais – só podia dar errado.

Aqui, há exatos quatro anos e 11 meses, reencontrei isso. Digo, aquilo – a persistência dos ermos.

Uma das lembranças mais agradáveis, e mais emblemáticas, é a de um dia em que uma insônia matinal, reiterada e incontornável, me jogou fora da cama 6 da manhã. Alvorada presenciada, saí para andar as redondezas, na Asa Norte.

Orvalho nas teias – não era ainda tempo da famigerada seca – e um frescor de sítio me deram um belo alento de chegada. Guiado por misteriosa bússola, eu, que ainda não tinha feito o reconhecimento pedestre da vi-



zinhança (estava instalado na casa de amigos), fui parar num terrenão entre dois blocos, sem uso exceto por um campinho de pelada. Na marcação do tempo, um e outro flauteio de anu-branco, que pra mim sempre foi índice de ruralidade. Açude algum por perto? Bambuzal? Não preciso dizer que naveguei esse e similares esmos em vários fins de tarde.

Bom, saíamos dos cases e do tom divagatório para seguir na busca do que se tenta dizer aqui.

Há o gosto de morar numa cidade que até o momento, sob vários aspectos, é uma não-cidade, como já bem definiram. Ou de ter em volta um pouco de verde e de brecha para percorrer o horizonte. Existe a tendência de valorizar aquilo que sua terra natal, ou sua paragem anterior, não tem. Tudo se soma, quem sabe, a uma vaga esperança de presenciar o espraio de um outro modelo de desenvolvimento urbano, mais humano e menos feroz.



Daí minha aflição ao presenciar, no começo de 2009, uma escalada da construção civil, um exército marchando para o alto, a capital tornada num grande canteiro de obras, a despeito de seu tombamento parcial.

Aflição que botou minha cabeça a bater panelas, como na letra do Chico.

Admito que uma palavra-chave talvez traduza melhor tal sentimento: apego. Mas, enfim: assim como o Doutor-Oscar tem o direito de desejar – só desejar – o revestimento de tudo com cimento, eu tenho o direito de me agoniar com a colocação de feijões de pedra nas casinhas ainda vagas da cartela.

Isso posto, senhores e senhoras, alarmem-se junto comigo. No lugar de blocos de concreto à espreita, imaginem canteiros e gramado. Calculem tijolo e cimento onde só há vigas, e tinta ou azulejo onde só tijolo e cimento. Enxerguem coqueiros adolescentes e, por que não?, uma fonte para refrescar a vista. Pintem um pesado monólito



no lugar de cada cratera. Dispam dos tapumes os novos caixotões de se abrigar ou merecer dinheiro.

Obra é assim, num minutinho passou: só dá pra gente se apegar se vira ruína.



eixão coberto de paralelepípedos
pilotis barrocos / chafarizes de concreto
sobrados coloniais ao longo da L4
blocos entre becos / quintais nas superquadras
ladeiras nas comerciais
semáforos de pedra sabão
muros de pedra pra gente pular
mangas pra gente roubar

meninos pescando lambaris
nas poças do setor comercial sul

córregos cortando os pastos da esplanada

AMOR CARTESIANO

estes dois olhos
quadrados
de cima mim, tirai!
afastai de mim teus
pontos cardeais.
livrai-me da tua paixão
por simetrias,
arrancai teus eixos do
meu caminho
e correi comigo pelos
roseirais
para todo horizonte.
além.



MAQUETE

Foi amor à primeira vista, os dois se gostando à distância, no Espaço Lúcio Costa, diante da maquete do Plano Piloto: ele no final da Asa Sul, ela no fim da Asa Norte. Mas era domingo e não tinha ônibus...

OS AMANTES DO EIXO RODOVIÁRIO

O homem atravessou as seis pistas do Eixão, correndo em ziguezague no meio do trânsito enfurecido, mas a mulher empacou, paralisada pelo medo. A separação já dura cinco dias: ele do lado de cá, ela do lado de lá, e os automóveis voando-zunindo entre um e outro. E se ninguém avisou que existe passagem subterrânea pra pedestre nem foi por maldade: é que dá gosto ver aqueles dois, ela desenhando corações no ar, ele mandando carta em aviõezinhos de papel. Acho que nunca se amaram tanto.



A CIDADE

a cidade me distrai quando eu
passo
como o vento
ora rápido ora lento,
a serviço do acaso.
o caminho
faço ele todo de peito aberto.
olhos de espinhos e de espanto,
a cidade me destrói, eu penso
em prantos
e levo à queima-roupa
saraivadas roucas de acalantos
e lenços encharcados.

ESPLANADA

Um gramadão desses abandonado! Não falo nem em reforma agrária, mas por que os políticos não descem pra jogar futebol, brincar de pique...? O senhor não acha que o Brasil melhorava?



ERAM 19H40.

Dias finais do horário de verão.

Os servidores já encerravam o ritual do escalda-pés nas respectivas superquadra e sala de TV.

Os seguranças confrontavam o desempenho dos times do Rio e se preparavam para praticar espera.

Os dirigentes faziam o gelo girar no copo e despachavam as prioridades do dia seguinte com a secretária.

Um estrondo. Estrangeiro, contrabandeado, inexplicado. Inequívoco, mas sem legenda, sem seta, sem pingom nem trema.

Desci em desabalo: pouco degrau para muito pé. Só os meus. E o coração na sola, talvez um em cada.

Olhos lá fora: só os meus dois também.



Um céu que só vendo. Como se flores fundidas à água, impressionismo em grande forma. Chá de rosa derramado sobre toalha de papel crepom azul-claro. Se existisse.

Tanto mar que cheguei a me esquecer da possível ex-bomba. Investigar. Descobrir. Ninguém pra perguntar. Deduzir. Farejar. Um prédio rachado, um disco caído. Nada. Um tanque (des)governado, um urso abatido, um sonhador com uma rosa de bala no peito. Que nada.

Quase conformado ao mistério, eis o eis-que. Dei de cara com sua corporificação.

A chave, não da causa, mas do efeito. Sua iconografia. A fumaça ainda postada sobre a catedral, como um pensamento plúmbeo, pedaço silencioso da explosão de minutos antes, seu osso. O desenho de um imenso formigueiro implodido. Como se um sioux esquecesse o bife na frigideira dentro da tenda. Como se um pequeno vulcão ali na obra do arquiteto.



Ainda ninguém nos arredores. Intrigante idem. Uma ausência quase militante, quase um grito surdo, um antigrito, quase como se eu fosse o único não avisado de um bombardeio, uma praga, o fim de um vilarejo, um tigre escapado, o novo nome de um lugar ou de um regime. Me vesti de interrogações. Vandalismo? Mágica? Falta de manutenção? Arrastão imobiliário? Ritual neopentecostal ou ecumênico? Fantasmagoria do presidente-fundador?

Nada nos jornais do dia seguinte. Nem nas letras nem nos espaços em branco, que às vezes falam mais que elas. Nada nos dos dias que viriam.

As pessoas seguem sentadas ou penduradas dentro dos ônibus, os ônibus seguem cumprindo o cotovelo dos três poderes, as corujinhas seguem girando a cabeça para os passantes, os aviões seguem sobrevoando as vidraças banguelas da catedral e os carros somem e reaparecem.

Só sei do estrondo. E de seu balão carbônico, que as fotos não mentem jamais.



JUIZO FINAL

- Não há nada ruim que não tenha um lado bom.

Sentada em sua cadeira, Dona Lurdes conversava com a faxineira do ministério. Depois de um caso mal-resolvido com o auxiliar de assuntos gerais, a coitada acabara de saber: estava grávida de dois meses. Em prantos, acorrera à sala de Dona Lurdes em busca de conselhos.

- O que é isso, minha filha, acalme-se. - A primeira reação de Dona Lurdes foi convidá-la para tomar um chá de camomila. O ministro estava em reunião fechada e poderiam conversar à vontade.

- Não há medalha sem reverso - dizia a secretária, enquanto alisava o cabelo da moça. Após uma hora de confidências, algumas chocantes para seus padrões, Dona Lurdes despachou a faxineira, que já fazia planos para o bebê.

- Não há rosas sem espinhos. É o que sempre digo - repetia Dona Lurdes, satisfeita.



Corada, ar de santo barroco, devota da nossa senhora desatadora dos nós, e amiga do bispo da Catedral, a eficiente Dona Lurdes era reverenciada por todos. Sempre disposta a se antecipar às necessidades dos outros, remendar situações difíceis, intermediar conflitos, reatar casamentos, aconselhar desesperados. Em qualquer situação, a receita infalível: um dito popular e uma xícara de chá de camomila.

Para os inadimplentes como seu Manoel, da portaria, filosofou: na esperança vive o homem. Na hora de puxar a orelha de Felícia, a copeira fogaosa que tentava o secretário-executivo, não deixou por menos: mão quente, coração frio, amor vadio. Neste caso, suas palavras não tiveram muita serventia.

Discreta, Dona Lurdes não comentava os terríveis feitos do pessoal. Traições, fofocas, puxadas de tapete, encontros picantes eram guardados em segredo absoluto. Porém, quando algo ou alguém lhe desagradava, balançava a cabeça branca, do alto de sua mesa, e recomen-

dava, em tom incisivo, para quem quisesse ouvir:

- Mais pode deus que o diabo.

No dia da secretária, sua mesa ficava repleta de flores e cartões de parabéns. No Natal, era responsável pela organização da festa dos funcionários. Recolhia o dinheiro, pechinchava e fazia ela mesma os enfeites. Lembrava o nome e o aniversário de cada um do prédio e seus respectivos familiares, inclusive os não-oficiais.

Convicta solteirona sem filhos, aceitou ser madrinha de inúmeras crianças nascidas ao longo dos mais de trinta anos de trabalho. Alguns, homens feitos, ainda ganhavam bilhetinhos como lembrança: errar é próprio dos homens, escorregar não é cair, fazer bem nunca faz mal.

Às sextas, após o expediente, depois que o ministro viajava, Dona Lurdes escrevia uma espécie de diário. Desde que entrara para a repartição, mantinha um volumoso caderno de capa preta trancado à chave na terceira gaveta da mesa. Ninguém jamais ousara



chegar perto. Ficava horas absorta na escritura, sozinha. Última a sair, apagava as luzes e trancava ela mesma as portas.

Numa segunda-feira preguiçosa na Esplanada, a faxineira, barriga estourando de tão grávida, abriu a porta da sala de Dona Lurdes e não acreditou no que viu. A velha, estática, em sua cadeira, parecia dormir. Horrorizada, correu o que pôde, chamando a todos para ver a cena.

Dona Lurdes morta? Ninguém acreditava. Um grupo se formou ao redor do corpo. Os lábios arroxeados destacavam-se na cena. As mãos, entrelaçadas, pousavam sobre a barriga. A copeira então chamou o auxiliar, que chamou o secretário-executivo, que chamou o ministro. Este percebeu o misterioso caderno preto aberto sobre a mesa.

No diário de Dona Lurdes - um caderno de contabilidade -, cada história ouvida foi registrada em seus pormenores. Quem traiu, quem roubou, quem mentiu, quem não pagou. Do dia em que começou a trabalhar



no ministério - ainda nos áureos tempos em que não se precisava de concurso, dizia ela - até o dia em que passou desta para outra, Dona Lurdes anotou, com precisão milimétrica em créditos e débitos, os pecados dos colegas. Inclusive, do ministro.

Para espanto de todos, ao final de cada anotação, descrevia as penitências e condenações, também precisas: fulano, dois pecados mortais, este vai direto para o inferno; beltrana, vinte pecados acumulados, cinquenta ave-marias; sicrano, nem com absolvição do papa.

Na primeira página do caderno, o título em letras grandes, para o caso de deus se esquecer da tarefa: Juízo Final.



brasília, a outra
cortesã do poder
puta cidade!

copular contínua
e freneticamente
com tuas secretárias
gostosas, atenciosas
ociosas



casar
e ter um filho
mas antes passar
num concurso público
passou
e concursando nasceu

DAS

Dá ou desce



CANÇÃO PARA ACORDAR OS MORTOS

Exaustas e enlouquecidas, as cigarras cantaram por sete dias e sete noites. Mas os homens só foram ouvir quando a água já tampava seus ouvidos.



heródoto nos relata
que cada superquadra
tinha seu próprio exército,
moeda e rei,
a quem chamavam de síndico

superquadras mais poderosas,
isto é, com mais correntistas
do banco do brasil, dominavam outras,
com blocos de 3 andares,
e cobravam tributos
em forma de convites
para posses de ministros
do supremo tribunal federal

E BRASÍLIA, AO FIM E AO CABO,

É a Atlântida de Niemeyer
Ou o Projac do Paulo Octavio?
(Ou o Projac do Niemeyer? Ou a Atlântida de
Paulo Octavio?)



a superquadra
é um esôfago cimentado
que transpira pelos cobogós

narinas fragmentadas
ar despedaçado
alvéolos quadrangulares

respire fundo
e me dê um abraço

meus pulmões aos cacos
na cidade
que respira pelos olhos



no princípio jk criou
brasília e a burocracia

e jk viu que a cidade planejada
estava bem feita
e sua administração era boa

disse jk: separem os poetas
dos burocratas
para que reine a paz
sobre a terra

e assim não se fez

nonô, posso brincar
de construir brasília
com você?
seu nome é lúcio,
oscar ou israel?

então não pode não!



AMPLOS

somos dois arquitetos
de um romance pau a pique
projetado sem metros
móveis de leilão e briques
paredes tortas em branco
muito mais chão do que teto
redes e tapetes bem chiques
pro nosso amor predileto

DIPLOMACIA PELAS JANELAS

Dele, só sei que gosta de pizza, de receber amigos e que é insone. Tinha uma namorada, mas acho que é coisa do passado. Atualmente, fica acordado até altas horas, geralmente acompanhado apenas por uma luminosidade contida, que só pode ser o monitor do computador.

Quanto à televisão, tenho certeza de que fica num outro cômodo. No quarto, imagino. Nunca trocamos uma palavra e eu não o reconheceria se a gente dividisse a mesma calçada na superquadra ou se encontrasse na fila da padaria. Mesmo assim, eu e o vizinho do prédio em frente selamos acordos silenciosos. Temos até certa intimidade, eu diria.

Da primeira vez que percebi estar sendo observada desde o outro lado da rua, gelei. Era uma noite de sábado e eu molhava minhas plantas, completamente nua - meu traje de rainha do lar. Com um jarro de água nas mãos, vi aqueles dois homens amparados na ampla



janela, bebendo cerveja, as vistas fincadas no meu universo particular.

Quis me vestir, fechar a persiana, cavar um buraco no chão da sala, virar fumaça, desaparecer. Mas em vez disso, tentei vencer a timidez e agir com naturalidade. Respirei fundo e prossegui minha atividade, salvando as flores e os temperos do clima seco de Brasília.

Após alguns episódios como esse, meu nu virou tão trivial que nunca mais meu vizinho e seus convidados pararam o que estavam fazendo para ficar espiando a vizinha pela-dona do quarto andar. Eu também já me acostumei a vê-lo andando pra lá e pra cá apenas de cuecas ou só com aquela toalha alaranjada enrolada na cintura.

É o que eu chamo de triunfo diplomático da boa vizinhança: nem ele analisa meus peitos nem eu reparo na marquinha de sunga dele.

O MENDIGO EM SEU LABIRINTO

Em meio a um extenso quadrado de grama que separa prédios de apartamentos de duas quadras vizinhas, mora um homem de pele negra e barba exuberante. Nas poucas vezes em que o vi, usava uma calça suja, arregaçada até os joelhos, num arremedo de bermuda. E só. A pele, esticada pelo sol, vestia o resto do corpo ainda ágil. Quarenta, cinqüenta, sessenta anos, talvez. Difícil avaliar a idade de alguém que, aparentemente, respira, come, bebe, secreta e imagina ao ar livre. Uma dúzia de sacos de lixo pretos rodeava o homem de pele negra e barba exuberante como uma grande saia de vestido de noiva ou mangas bufantes daqueles trajes de festas de meninas de quinze anos. Isto, é claro, anos antes do Orkut, da internet, dos ipods e celulares. Mas esta saia fofa e preta de várias camadas do homem tinha seu brilho ofuscado por alguns rasgos, de onde se podia entrever folhas de papel ainda brancas, latas de cerveja e cascas de laranja. Era um cenário que exalava cheiros que iam do azedo até o doce sumo de uma tangerina, mesmo para quem



passava à distância. E como um segundo círculo, ao redor dos sacos de lixo, as pombas tornaram-se a companhia inconstante do homem. Assim como os sacos de lixo e os papéis que volta e meia insistiam em aproveitar uma carona do vento e se espalhar em voos nem sempre elegantes, as pombas completavam a família. Passavam rente por sobre a cabeça do homem e disputavam, nervosamente, os nacos de comida. Um dia, pensei ter visto uma delas beijar a barba exuberante. Seria o encontro entre a pomba e o tufo grisalho que se estendia da boca até o peito do homem, porém, estava longe demais para ter certeza. Há tempos o homem trava uma luta silenciosa pelo direito de morar no largo círculo, dentro do quadrado de grama. Prova disso é que, apesar de alguns sacos já terem sido destruídos pelo fogo, ele continua lá, agitando os braços no ar feito padrinho bêbado de festa de casamento que propõe um brinde enquanto todos não estão nem aí. Não sei se ele mesmo mantém um ritual de fazer uma fogueira com seus pertences para se aquecer e depois transformá-los em cinzas para, como fênix, recomeçar. O fato é que, na última vez em que o vi,

o homem de pele negra e barba exuberante continuava a desafiar a indiferença da cidade como um bailarino em seu círculo labiríntico de sacos, restos, pombas e vento, dentro do quadrado de grama.



ESPORTE É VIDA

Pra quem?

Nas galopadas de Nikes e Reeboks
as cigarras morrem como moscas.

ZELADOR

Se a gente não vigia
Mendigo bebe toda
A água das plantinhas

CENAS DE UMA CINQUENTONA

Brasiliense qualquer: Moço, fui ao banco lá no Paranoá
e disseram que meu benefício não consta no sistema
para pagamento do INSS.

Atendente: Minha senhora, eles devem ter errado. Volte lá.

Brasiliense qualquer : Meu senhor, eles não erraram.
Está vendo o carimbo do gerente aqui, ó. Está escrito:
benefício não encontrado.

Atendente: Minha senhora, então ainda não foi pago!

Brasiliense qualquer: Meu senhor, vocês enviaram um
documento oficial para minha casa informando a data
de pagamento do benefício. Foi liberado dois dias atrás!
Olhe aqui o papel de vocês.

Atendente: Então, me deixe ver no sistema.
(digita no computador)



Brasiliense qualquer: Ok.

Atendente: Foi liberado sim. O pagamento está nesta agência do Banco do Brasil na Asa Sul.

Brasiliense qualquer: Meu senhor, eu vim aqui ontem para me certificar de que o banco certo era o Itaú do Paranoá, lembra? Estranhei a informação, pois é muito longe da minha casa. E agora o senhor, que ontem confirmou o endereço, me diz que o banco certo fica na Asa Sul?

Atendente: A senhora foi ao banco errado, foi isso.

Brasiliense qualquer: Eu fui ao banco que o INSS me mandou ir em documento oficial. E o tempo que eu perdi? E o gasto que eu tive?

Atendente: Então vá ao banco certo.

Brasiliense qualquer (gritando): Mas qual a razão do erro?



Atendente (olha para o segurança): Minha senhora, deixe disso. Vá ao banco e receba seu benefício direitinho, viu?



Brasiliense classe A: Você soube da última?

Manicure: Não, senhora.

Brasiliense classe A: Agora ali na W3 tem um personal de sexo só para mulheres.

Manicure: Vixe Maria. O que é isso?

Brasiliense classe A: Igual você depila a gente, entendeu?

Manicure: Ué, mas...

Brasiliense classe A: O cara põe uma luva, e no lugar de depilação, faz massagem, assim com os dedos lá em baixo, entendeu?



Manicure (rindo): E não encosta mais nada na moça?

Brasiliense classe A (séria): Não, é uma forma de ajudar a mulher a se liberar, entendeu?

Manicure (rindo): Oxe, e tem gente que paga pra isso?



Na fila da livraria.

Atendente com piercing na língua: O próximo.

Brasiliense emergente: Here!

Atendente com piercing na língua: How can I help you?

Brasiliense emergente: Dá para falar em português mesmo, minha filha?



Ao telefone.

Primo de férias na cidade: Vem cá, cara. Deixa essa merda ai.

Brasiliense estressado: Brother, não dá. O procurador tá em cima.

Primo de férias na cidade: Porra, o lugar é demais!

Larga mão disso, é sexta, meu! Uma segura dessas...

Brasiliense estressado: Tá bom... Onde você tá?

Primo de férias na cidade: No Órilei.

Brasiliense estressado: Ô meu filho? A falta de umidade secou seu cérebro? Não conheço nenhum Órilei.

Primo de férias na cidade: Pô, você mesmo que indicou. Lugar bacana, na Asa Sul, lembra?

Brasiliense estressado: Não.



Primo de férias na cidade: É um pub irlandês.

Brasiliense estressado (gritando): É O'Rilley! Ouraiiiiiili!



Segunda-feira na porta do ministério.

Porteiro: Brasiliense?

Segurança: Tô fora. Sou Flamengo.



Na fila do restaurante a quilo no shopping Brasília.

Amigo engenheiro: Puta calor, hein.

Amigo advogado (afrouxando a gravata): Nem me fala.

O ar não tá funcionando.

Amigo engenheiro: Olha quem tá ai.

Amigo advogado: Ué, e deputado come em shopping?

Amigo engenheiro: Não devem ter entregue o dinheiro da meia esta semana.

(risos)

Amigo advogado: Ele tá indo no banheiro...

Amigo engenheiro: É prá tirar o dinheiro da cueca antes de pedir a conta!

(risos)

Ainda na fila.

Amigo engenheiro: Vem cá, sabe aquela obra...

Amigo advogado: O que é que tem?

Amigo engenheiro: Vou precisar incluir mais dez por cento.

Amigo advogado: Porra...O homem pediu mais?

Amigo engenheiro: Pois é. Onde consigo umas notas daquele tipo?



Amigo advogado: Deixa comigo.

Agora no caixa.

Atendente: Quarenta reais.

Amigo engenheiro: Porra, tudo isso?

Atendente: Sim, senhor.

Amigo advogado (dando um tapinha nas costas do outro): Cara, deixa que eu pago no meu cartão.

Amigo engenheiro: É isso que dá tanto imposto. Desse jeito o país não vai para frente.



Na banca de revista da quadra.

Morador: Tem O Globo?

Dono da banca: Tem não.

Morador: Tem ou não tem?

Dono da banca: Tem não.

Morador: Não tem?

Dono da banca: Não.

Morador (impaciente): Então, tem?

Dono da banca (tirando o pó das revistas): Não. Não tem. Mas posso mandar buscar.



comemorar o quê?

a corrupção generalizada

ou mais uma cpi

que não deu em nada?

a cultura oficialasca

ou o presidente de odalisca?

comemorar o quê?

o gênio criador da raça

ou o corrupto que passa?

BRASÍLIA 24H

05:59

Uma gangue de periquitos celebra minha insônia

Rasgando paina diante do janelão

(Como hão de fazer um dia com as almofadas

meus filhos e o incorrigível schnauzer Tempestade)

06:03

Brasília é areia que escorre de uma garrafinha

Ou pra dentro dela?

06:46

O sol balão escapa para sobre os ministérios

Que tentavam encaixotá-lo

07:00

Uma paineira ganha, justo quando você piscou, a peruca

rosa para o tronco de espinhos:

Mas março mal começou!



18:36

O fotógrafo voa para o memorial
E consegue botar a lua na mão de JK

13:50

Um pombo pé-de-pirata
Joga pro estômago o fast-trash
Num Giraffas qualquer

11:55

Foi registrado o avistamento de um pedestre –
Vivo!
Viva!
Ao vivo!

18:50

Um fora-bush se maldivisa
No viaduto que a noite vai apagando

23:15

Figurinha parda carimbada

Beberibica o on-the-rocks
Cisca o pistache
E discute in private a próxima
Invasão de luxo

11:00

POP!
IPÊ
BRANCO
PIPOCA

17:35

São pedestres, não há dúvida
E devoram uma Pajerinho em 20s
(Fosse um Ka, pronto, bastavam 13)

12:00

Sol
E só:
Carne-de-sol



14:35

O mendigo, desperto:
Estarei eu no setor certo?

15:45

O PM comendo da mão de um dos quatro evangelistas
de Ceschiatti

E eu perco a foto

18:01

Meu fusca segue carimbando o asfalto
E enviando manifestações de apreço ao Sr. Diretor
Como escreveu Nicolas Behr
A quem dedico este poema

08:40

Pulo pra dentro da zebrinha
Que, de vermelha
Quadrada
Sem listra
De zebrinha não tem nada

10:15

Arru-da-na-Pa-pu-da!
Pê-Ó-no-xi-lin-dró!

10:16

Capacetes
Cassetetes
Cascos

14:30

Taças tinindo
Talheres pra todos guardanapos fornos se abrindo
É domingo
E não há sinuca aberta
Se você não tem família aqui
Sei lá, negão
Aí
Aí tá sinucado



08:41

E sei que hoje treze me dirão

A seca neste ano vai ser braba

No ano passado meu nariz sangrou

Comprei um borrifador

Uso toalha molhada

03:17

Já todos dormem

Exceto Junior, filho do poder, que

Cabeça tinindo de coca

Pratica o esporte do rachão na ponte milionária

03:18

Exceto o pichador de monumentos

Que desde já assina

O Pichador de Monumentos

03:18

Exceto Galdino

Cuja alma arde insone

Enquanto a Justiça ronca

03:20

Exceto o deputado com o pescoço

Encaixado na guilhotina

15:55

Juraria ter visto um cachorro

Juro

Poderia

17:45

A Esplanada ganha paletas

Impressionistas

Naïfs

Lisérgicas

Mas há os alérgicos



BURACO DO TATU

Mergulhou sob a Rodoviária e o dia ficou mais escuro do que nunca, mas quando emergiu do outro lado e começou a subir a pista a claridade era tanta que ele foi subindo subindo subindo, até que não parou de subir, e o céu fazia um azul de tão-agosto que nem havia nuvens entre as esquinas inexistentes, só a solidão e os pássaros pousados nos vidros do carro.

CONIC

No mesmo instante em que a stripper guardava na bolsa a lingerie indecente e se vestia fingindo ser a moça comum que de fato era, no prédio ao lado o pastor tirava a gravata e via no espelho o moço comum que durante a luta contra o diabo esquecera de ser. E enquanto a moça stripper descia as escadas do cine Ritz, o moço pastor fechava as portas da Assembléia de Deus. E aí o moço e a moça deram-se as mãos e caminharam pelo Conic, imaginando que nalgum lugar daquele labirinto de concreto e almas haveria de existir uma igreja invisível, com um luminoso em neon vermelho anunciando: só o Amor salva.



PUBLICIDADE OU INTRIGA

Lava carro

Vende droga

*Pintado no chão, num bolsão de estacionamento.**Dias depois, já tava meio rasurado –**acho que alguém se ofendeu.*

esperando godot
na rodoviária
pra tomar
um caldo-de-cana comigo

quem apareceu foi padim ciço
com lampião

DESBRASÍLIA

pulo fora em grande estilo.

vou embora de verdade.

não adianta dar chilique

nem morrer de saudade.

mas se você quiser que eu fique...

já tenho até o que propor:

nos mudamos pro conic
pra vivermos só de amor

reinventados na cidade.



entre os edifícios em ruínas
que foram escavados
no centro histórico
um especialmente chamava a atenção
pela numeração romana
sugerindo que uma dinastia de venâncios
reinou naquele local



e o flanêur
virou flanelinha

da próxima vez
que eu for a Brasília
não vou trazer
uma flor do cerrado
pra você

vou depositá-la
no túmulo
do candango desconhecido



ponte Severino Ribeiro da Silva
aeroporto Raimundo Pereira de Souza
memorial Francisco Rufino Feitosa



HORA DA SECA

tenho pensado muito na morte.
nenhuma urgência em morrer.
nada disso de sentir-me esgotada
ou tramar suicídios teatrais.
tenho pensado na morte como quem
fricciona cautela e curiosidade. a morte
não cala nem fala, pacífica porque
certeira, completa e não se desfaz.
mas seria amorfa ou intensa?
traria alguma razão ou loucura?
uma nesguinha de fé?

a morte não me arrefece. suas faíscas
vão queimando meu peito verde das cores
que ainda vou dar. não penso a morte
como um começo tampouco me soa
um tropeço pelas calçadas do fim.
- jamais supus que ficaria para apagar
as luzes. e por isso não me comove

deixar saudade nos meus.
que faria a nostalgia senão acender
as velas e ressuscitar desbotadas
lembranças?

pressentir a morte seria uma
delicadeza que jamais esqueceria.
sequer lembraria, afinal.
que venha sem fingir, eu espero.
e não fuja ao bom costume
da pontualidade: que tenha pressa,
mas nem tanta ao ponto de cabular-me
um brinde derradeiro para o chá.
se estiver chovendo, que seja na seca.
e que nos deixe molhar enquanto colho
as folhas no jardim.



ASAS CORTADAS

Fecharam as plataformas de vôo. Primeiro a Torre de TV, depois o Pátio Brasil. Cercaram pra gente não subir até o topo. Porra, já não dava pra viver nesta cidade, agora nem morrer a gente pode?

o cinturão verde,
de verdura,
substituído
pelo cinturão do medo,
que nos emoldura

REVOLUÇÃO DAS ÁRVORES

Esqueceram de matar as raízes mais fundas, e o cerrado é valente, o cerrado é tihoso: na hora que brotar de novo, vai voar automóvel pra tudo quanto é lado!



OUTRA HISTÓRIA DE BRASÍLIA

Joanir apóia as mãos cruzadas na ponta do cabo da vassoura. Deixa o pensamento escapar pelos olhos e seu rosto volta-se para baixo, pesado de uma preocupação ainda maior que aquele corredor que ele não esfregou nem metade. Toda hora interrompe e fica olhando o final do corredor, mas não espera nada dali. O problema é a arma que o primo pediu para ele guardar em casa, e por isso a mulher enche a cabeça de Joanir há quatro dias. Mas hoje ela ameaçou chamar a polícia, jogar a arma na vala, ir embora com as crianças. Não quer arma em casa, aquele é um lar de Deus nosso senhor Jesus Cristo. Joanir sem jeito de falar pro primo, um chegado de tantos anos. E sem coragem também. O primo é parente, mas é bandido, transa merla e cocaína, já matou quatro ou cinco, ele nunca disse, mas sabe que Joanir sabe. E que tem medo, o pior.

Tem também Estéfane, a filha do meio, que voltou com as crises de epilepsia. A mulher há quatro dias - o mesmo

tempo em que fala da arma - chega no hospital, espera, espera e volta. Não tem médico, não tem remédio, e a menina se torcendo toda. Joanir olha o corredor, mas não espera nada dali, sacode a cabeça como quem sacode uma caixa para confirmar que está vazia. E diz “tudo se ajeita, tudo”, bem na hora em que dobra lá no fundo o desembargador Antero Pimentel da Mota, que vem desviando do balde, do rodo, do esfregão cinza esticado no chão de mármore, de um vidro de limpa tudo e qualquer coisa. Não vem satisfeito da vida, nunca vem satisfeito o desembargador, ainda mais topando com gente da laia de Joanir, que em silêncio ou asobiando sambas tímidos vai tirando do caminho guimbas de cigarro e copos descartáveis. No primeiro dia ali Joanir bem que cumprimentou o desembargador, recolheu a vassoura com as duas mãos postas junto ao peito, sorriu envergonhado e deu bom dia mais ainda, como achou que fosse o certo. Antero Pimentel da Mota passou apressado com seus sapatos pesados, mas até que olhou Joanir do alto de seu pra lá de um metro e 90, por trás dos óculos dourados, e crispou o rosto achando mesmo um achincalhe aquele mulato manchado de micose, magro que nunca pôs gravata,



querendo parecer civilizado e se dirigindo a ele, presidente da corte especial do tribunal pleno, a mais alta instância da Justiça no país.

Também, parou por ali: Joanir nunca mais deu bom dia; Era feio, mas não sem vergonha. Agora, quando o desembargador aponta no fim do corredor, Joanir abaixa a cabeça, não olha, é como se fosse vento passando. Aproveita e dobra a força de esfregar aquele chão, mais um pouco e arranca uma placa de granito.

Antero Pimentel da Mota vem em direção ao gabinete, carrega seu azedume e faz barulho com seus sapatos de defunto. Passa cada vez mais depressa e pesado, truculento, no fundo querendo que aquele quase crioulo entre em sua frente para poder esmagá-lo com seus pés sem proporção.

Na porta do gabinete, bem próximo a Joanir, o desembargador estaciona aquele esqueleto paleolítico e descansa a respiração ofegante de arrastar o corpanzil. Fica ali parado, aguardando que a respiração se acalme. Joanir



presente que o homem olha para ele e por isso inclina de vez o rosto ao contrário, dá mais força no braço, ainda acaba transformando esse chão em espelho. Joanir se imagina um pássaro na gaiola espiado pelo gato da casa. Joanir sabe que o gato não está ali à toa, o gato é mau e não gosta de pássaros feios, pardais escuros que dão em qualquer fio de alta tensão.

Escute - e parece que é aberto um calabouço quente e úmido quando fala Antero Pimentel da Mota com sua voz amarga de antipatias e repugnâncias -, o senhor trate de terminar essa limpeza antes das oito e meia, que não quero mais chegar aqui e ter que desviar do senhor e de seus baldes e panos imundos. Levante mais cedo da cama, chegue antes ao serviço. E o desembargador desaparece gabinete adentro, deixando Joanir mastigando os próprios dentes, sentindo raiva da mulher em casa que não se cala, das tremedeiras da filha, do primo que é do bicho, do dia escuro quando sai, das pernas cansadas no ponto de ônibus.



Não dá cinco minutos e lá vem Dona Wanda, a secretária de peitos gordos contidos num vestido de seda, a maquiagem acentuando as fendas da velhice. Não é pessoa ruim, mas se o desembargador mandar, anda de quatro pelo tribunal, late e sacode um chocalho enfiado na bunda. Pede compreensão, o desembargador anda nervoso, são decisões que precisam ser tomadas por uma pessoa do tope dele e que o senhor, seu Joanir, não tem capacidade de avaliar, fora o que aconteceu com a filha do outro desembargador, doutor Osório, amicíssimo do doutor Antero, o senhor leu no jornal, estuprada e morta, ele anda abalado, a esposa com trauma foi pro estrangeiro, as pessoas de bem estão apavoradas.

Joanir deixa escapar que tem seis meses também estupraram e mataram a filhinha do compadre. Apóia as mãos cruzadas outra vez na ponta do cabo da vassoura. E ainda deixaram o corpo no quintal da casa. Ah, mas não é a mesma coisa seu Joanir, não é a mesma coisa, e Dona Wanda sorri certa de que não é mesmo, dá as



costas com seu traseiro de máquina de lavar e também some gabinete adentro.

Joanir descruza as mãos e a vassoura livre vai perdendo o equilíbrio aos poucos até estalar no chão. O desânimo dobra o tamanho daquele corredor. Deu uma vontade de ir até em casa, e sair de novo dizendo pra mulher olha, tô sumindo com isso. Se o primo perguntasse, ele não esconderia nada: usei, sim, primo. Quis mostrar prum sujeito que debaixo da terra os bichos comem a carne sem saber se é de rico ou se é de pobre.

Joanir olha, mas não enxerga o corredor. Repete feito reza decorada: “tudo se ajeita, tudo.” Sacode a cabeça como quem sacode uma caixa vazia.



já é Brasília?

não

apenas a sensação

tenho vinte Brasília
no arquivo morto

o que faço?

jogue todas fora
mas antes
tire vinte cópias

✍

todos os erros de Brasília
(todos os erros são meus)

tolerar outras Brasília
e explodir apenas a cidade
onde a palavra mágica é tabu

abracadabrália



SERMÃO DA PRAÇA DOS TRÊS PODERES

Irmãos! Mais forte que os Três Poderes do homem é o poder de Deus! E se Ele não dá jeito nesta merda é porque encheu o saco e quer mais que a gente se foda!

SE O CASO É SETORIZAR...

... dou aqui minhas sugestões à utopia e à pragmática dos doutos urbanistas e demais demiurgos.

Desconfio que alguns dos setores sugeridos já existem, sem, no entanto, a devida placa de identificação. A conferir e pôr o guizo.

- Setor de Índios Isolados
- Setor de Camelôs Isolados
- Setor de Casos Isolados
- Setor de Críticas Isoladas
- Setor de Boatos Isolados
- Setor de Jardins que se Bifurcam
- Setor de Pedestres Norte
- Setor Extremo-Leste da Primeira Infância
- Setor Extremo-Oeste da Melhor Idade
- Setor de Boatos Confirmados
- Setor Central de Mendicância
- Setor de Madalenas Arrependidas



- Setor de Ex-Arenistas Convertidos à Arena Democrática
- Setor Central de Adesões e Alianças
- Setor 24h de Negócios Escusos, Escuros e Espúrios
- Setor de Ex-Combatentes da Política Reconduzidos à Planície
- Setor de Ex-Esquerdistas que se Juram Ainda-Esquerdistas
- Setor Central de Solidões...
- Setor de Filhos do Poder Ga-ma-di-nhos em Pittbull
- Setor Especial de Arcaísmos Mui Brasileiros
- Setor de Barbarismos sobretudo os Universais
- Setor de Seres Humanos
- Setor de Práticas Esportivas que Requeiram Sunga Branca, Viseira, Ray-Ban e Tênis
- Setor de Raças Caninas sem Valer Poodle
- Setor Especial de Pichações, Vandalismos e Manifestações contra a Ordem e a Bandeira
- Setor Cívico de Manifestações Inofensivas

- Setor de Garçons Gentis Norte (o primeiro nos sirva a saideira...)
- Setor de Quadras e Tercetos para Poetas de Fim de Semana
- Setor de Ultrapassagens Supra-Arojadas Sudoeste
- Setor de Reuniões Intermináveis Norte
- Setor de Donas-de-Casa Desesperadas Oeste
- Setor de Ecologia Marqueteira Noroeste
- Setor de Alergias, Bronquites, Broncopneumonias e outras Broncocomplicações
- Setor de Aves Esborrachadas em Prédios Espelhados de Gosto Controverso
- Setor de Reclamações
- Setor de Achados e Perdidos
- Setor de Secos e Molhados
- Setor de Cuecas de Bolinha
- Setor de Cuecas do Superman
- Setor de Patinhos de Borracha
- Setor de Setorizações



BEIRUTIANAS

E ai, Dioclécio! Tudo bem? Tá esperando uma mesa?

Ô velho Ariovaldo... Quanto tempo, rapaz!

Senta comigo, pode se chegar. Bom te ver.

Bom te ver também. Então, o que me conta da UnB?

Cara, depois da tormenta toda, agora tá calmo.

Defendeu a tese?

Vixe Maria, defendi, defendi. Tô novo!

(risos)

Vamos fazer um brinde então! Ô Mané, traz mais um chope aqui prá gente em homenagem ao Dioclécio!

Saúde...

Diga lá, Ariovaldo, como é que tá a vida?

Me aposentei da TV, sabe. Deixei a casa de Pirenópolis para os filhos e agora vou para o Rio só de vez em quando. Tô gostando cada vez mais da cidade.

Como é que é? Ô cabra, não era tu que detestava Brasília?

É a idade, meu velho. É a idade. Sou do tempo que estar na fossa era bacana. Hoje em dia não é mais. Estou seguindo a moda. E você?

Ainda estou na UnB, no mesmo estilo. Me aposento daqui a quatro anos. Estou louco que chegue esse dia...

Só tem professor novo, agora. E nem as garotas gostam mais de professor sessentão! Viramos peça de museu...

O que é isso...

(risos)

Nós não!

Olha quem está ali! Ô Uéder, mineiro velho de guerra!

Tudo jóia, gente?

Senta ai, meu chapa. Você lembra do Dioclécio, lá da Agronomia da UnB?

E como não?

É mesmo, que cabeça a minha. Como é que está lá na Embrapa?

Entra governo, sai governo, tudo na mesma.

Então está bom demais, ué. O problema é quando demitem a gente! Não esquece que eu fui também um reintegrado...

Vou te dizer uma coisa, meus camaradas: se nem as garotas gostam mais de sessentões, quanto mais os chefes! Só penso em me aposentar.



Chega dessa conversa, Uéder! Ô Chiquinho, traz Biotônico Fontoura para esses caras! Pelo jeito, está todo mundo precisando da pílula azul...

Saúde!

Gente, isto aqui está bom demais...

(risos)

Não se anime tanto, Ariovaldo...(Grita alguém do outro lado)

Arimatéia, meu camarada! Que susto! Quanto tempo.

Deixe esta muvuca e se achegue à mesa dos solitários.

Então, Ariovaldo, continuas vivo, meu chapa?

Ainda, meu velho, na luta, sem lenço nem documento.

Conhece o Dioclécio e o Uéder?

Que pergunta é essa? Tá doido?

Porra, que cabeça a minha...Só falta o Ernesto para completar.

(risos)

Ernesto casou.

O quê? (todos)

Casou sim, meu irmão, na igreja e tudo. E a mulher já está esperando filho.

Mais um?

Pois é.

Pobre Ernesto (Ariovaldo balança a cabeça).

Pobre Ernesto (Dioclécio balança a cabeça).

Pobre Ernesto (Uéder balança a cabeça).

A filharada é maior que a torcida do Flamengo.

Ô Mané, mais quibe para a moçada! E quantos anos tem a dita?

Essa pergunta só podia vir de você, Ariovaldo. Não dá para falar de futebol? Nem o Dioclécio nem o Uéder fazem perguntas deste tipo.

Ah, meu chapa, isso é vício de jornalista...responde logo.

Como diz o meu filho, ela era do tipo pronta para comer o Ernesto! Trintona.

(risos)

Fala baixo, meu irmão, isso aqui é o Beirute.

Sai prá lá, Ariovaldo!

(risos)

Saúde!

Vem cá, vocês ainda pagam pensão para a Cidália?





Shihhhhhhh

Que foi?

Ariovaldo, a gente não fala no nome dela. Nunca falou, está lembrado?

Uéder, ela já está cinquentona...A gente está nos sessenta. Ainda não dá para falar?

Não! (todos)

Tá bom...Então, alguém tem notícia daquela de quem nós não falamos o nome?

O Dioclécio é que tem. Desembucha ai, Dioclécio!

Casou com o pai do Pixico.

Com o pai do Pixico? Olha só prá você ver...

Chiquinho, libera o uísque já!

Já! (Dioclécio bate na mesa).

Já! (Arimatéia bate na mesa).

Já! (Uéder bate na mesa).

Pois é. E anda nas altas esferas da República. É mulher de magistrado.

Putaquepariu, companheiros! E eu que pensei ser o último...

Isso é Brasília. Onde a gente chega, se perde e se encontra!

Liga para o Ernesto, Uéder!

Liga para o pai do Pixico, Dioclécio!

(risos)

Saúuuuude!





MESA DE BAR

Eu teria dito que largaria tudo, que mal me importavam aquelas pessoas todas conversando amenidades em torno da gente. Teria levantado e te olhado estri-dente enquanto todas as bocas calavam. Devia ter aproveitado o momento de singelo sigilo, quando até o tilintar dos copos guardou silêncio pra te receber. Eu deveria ter ido até tua mesa, de onde, largado, sorria aquele riso suave de quem já bebeu doses pares. Aquele riso inebriado, de boca escancarada, libertador de vontades dissimuladas.

Teus dentes no meu peito, eu ficava imaginando, enquanto te olhava pateta, a dois metros de ti. Devia sinceramente ter me atirado no teu colo logo quando tu chegastes. Ter te feito entender que eras meu. Mas eu já sabia. Sabia que a gente se amaria loucamente, que seríamos líquidos noites inteiras. E sempre acordaríamos secos um do outro. Sempre querendo mais. Sabia de ti na minha cama. Das minhas roupas no teu

armário. Dos meus cds confundidos nos teus. Dos livros que ninguém mais saberia de quem eram.

Eu intuía teu cheiro. Horas a fio numa atmosfera que só nos dois poderíamos compreender. Poesia, marxismo, lirismo, budismo. Psico isto e aquilo. Bio, filo, sócio, epistemo, geo, cali; qualquer logia ou grafia. E haveria tanto tesão! Tanta língua sem nojo. Tanto gosto de seio e pescoço. Sabia que tu terias ciúmes do meu ex-namorado. Que perguntaria se ele me amava tão bem quanto tu. Sabia que brigaríamos, te taxaria machista, insensível, calhorda. Sabia que irias embora e levarias alguns cds meus ou teus. Sabia que voltarias. E que irias e voltarias muitas vezes.

Vozes intermediárias anunciavam a noite em que eu te ligaria dizendo que não, iria me atrasar, não poderia te acompanhar naquele jantar na casa do teu amigo muitíssimo enfadonho de longuíssima data. E te pouparia do adjetivo 'enfadonho' por este cinismo educado que a gente adquire ao tentar sempre economizar o outro dos



nossos pensamentos mais limpos. E, antes de desligar o telefone, ter perguntaria se estava tudo bem. E tu dirias que sim, estava tudo certo. Uma resposta cansada e aborrecida, como se tudo o que esperasse de mim fosse a decepção. Como se eu te prorrogasse a vida.

Antevia o momento demasiado em que passado e futuro se tornariam carregados demais e esqueceríamos, eu e tu, de gozar o presente. Nos tornaríamos esquivos e evasivos como toda a gente. E estabeleceríamos a defesa. Emergiriam as culpas. Supus as amarras. E nossa ânsia paralela de desviar. Fugir das cortesias sem apreço. Dos abraços sem calor. Dos talões e cartões. Do crédito. Do débito. Das contas. E tantas outras correntes.

Já atinava minha insegurança pelo teu poder natural de fazer interesse nos outros. Teu amor inseduzível. E eu sofreria tanto. Choraria no teu peito. E seria menina de



novo aos domingos no parque contigo. Previa os prazeres. As delícias a dois. A velha cegueira da verdade única. Sabia exatamente o que haveria de vir. Em nome da razão, mesmo sem perceber, tiraríamos proveito da fraqueza um do outro. E enumeraríamos cada um dos nossos defeitos, didaticamente.

Segunda-feira, a gente ali no Beirute. Dois metros ou cinco segundos de ti. Distante uma palavra do nosso futuro amor. Prestes ao que fosse. Eu realmente teria dito que mal me importava aquela gente toda, teria me lançado nas tuas mãos vazias de mim. Eu teria dito que largaria tudo. Mas não sei bem o que me deu. Quis nos livrar do perigo. Achei melhor não. Longe de tudo, pedi mais uma sem gelo. E fiquei lendo teus lábios enquanto percorria meus medos.



E O SILÊNCIO SE PROLONGA...
(OU UM QUASE AMOR BRASILIENSE)

Ele já havia enviado uns dois ou três e-mails dizendo que estava com saudade. Ela, porém, tinha deixado de pensar nessas coisas para não se incomodar mais na vida. Em um deles até respondeu também estou com saudade, mas aquilo foi tão automático, foi como se resmungasse para o sobrinho, ou estivesse dizendo, ok, beleza, me deixa em paz, a gente só se viu uma ou duas vezes no andar, poxa. E o silêncio se prolongou por um bom tempo entre eles.

Certa manhã de segunda-feira, no entanto, lá estavam os dois se esbarrando no corredor apertado do Ministério. E foi espontâneo o calor da pele, o oi, tudo bom, quanto tempo, bom te ver, que ela chegou a sentir um comichão na barriga. Ele, no auge dos vinte e poucos anos, abraçou-a apertado, tirando seu fôlego assim de repente, tão de repente que o beijo que era para ser no rosto ficou no pescoço e deu para sentir o perfume masculino para

nunca mais esquecer. Ela ficou surpresa com aquela cena inesperada, de um jeito meio desconcertado, meio descrente. Será que ele estava falando com ela mesmo? E o silêncio voltou a se prolongar por um tempo entre eles.

Então, numa sexta-feira intensa de fim de mês e de ano, ela resolveu enviar uma mensagem de boas festas para os colegas de sala mais chegados e incluiu ele na lista, que não era chegado, muito menos colega de sala. E por outra razão inexplicável, ele respondeu informando, entre outras coisas, seu número de celular. Em um gesto de cortesia, obviamente, ela ligou para dizer que ele gravasse seu número no telefone e que agradecia desejos tão bem desejados para um só ano. E o silêncio se prolongou por muito tempo entre eles.

Quando ela já nem lembrava mais desse episódio, e padecia da costumeira insônia, recebeu uma mensagem de celular dele dizendo que não havia se esquecido dela e que dormisse com os anjos. Ela tomou um susto e, nesta noite, exagerou na dose do remédio para dormir. De



manhã, enjoada com o café, em vez de começar logo a leitura dos jornais, percebeu-se checando o celular com impaciência. No dia seguinte, ele voltou ao contato, escrevendo que sentia sua falta e como ela era linda e charmosa. Ainda sob o impacto da revelação, ela tentou raciocinar se o telefone era o seu mesmo ou se ele estava só curtindo com sua cara. E não foi muito amistosa nas respostas. Mas respondeu.

Uma semana depois, ela já tinha desistido da história. Ele não dava mais sinal de interesse e, depois de um arroubo dela ao convidá-lo para um café, quem sabe conversarem um pouco e ao vivo, ele, aparentemente, saiu de fininho. E o silêncio, de novo, se prolongou entre eles.

Ela tocou sua vida mesmo assim, não era mulher de chorar oportunidades perdidas na adolescência, que dirá agora, solteirona e depois dos quarenta. Chegou a procurar o nome dele na internet e perguntar para alguns colegas, discretamente, quem era mesmo aquele advogado novinho



que trabalhava de assessor. Entretanto, as notícias eram mais lacônicas que o diálogo entre eles.

Numa outra sexta-feira, véspera de feriado, enquanto tomava banho, uma nova mensagem chegou (agora ela carregava o celular para todo lado, inclusive no banheiro). Ele perguntava o que ela estava fazendo e ela resolveu provocar. Disse que estava tomando banho, mais precisamente, ensaboando a coxa esquerda. Ele perguntou o que podia fazer no corpo dela, na verdade, suplicou que ela dissesse o que ele deveria fazer. Ela começou a narrar, ainda que cheia de acidentes de percurso por causa dos dedos molhados nas teclas, onde ele deveria ensaboá-la. Do pescoço ao colo, dos seios à barriga, do umbigo ao entrecoxas, e nesta altura, ele respondia em curtas frases tudo o que faria com ela, especialmente naquele lugar mais necessitado de cuidados especiais, segundo ele.

Ela não sabia se ria ou chorava, o tesão tomando conta do banheiro inteiro, e ela nua, enrugada, procurando os óculos, teclando o quanto queria chupá-lo, onde e por



quanto tempo, e ele descrevendo todo o processo de enxugar a pele dela com a língua, e depois beber a água que ainda escorria das pernas dela como vinho branco gelado nas tardes de verão.

E ela rindo dele ter dito que ela era uma gatinha e que queria tirar a calcinha dela com os dentes, a rima não desgrudava de seus olhos, mas tão rápido quanto ria, ele seguia narrando. Dizia, cada vez mais ousado, o quanto queria que ela estivesse com ele, trocando beijos molhados de frente, de costas, de lado, de quatro, de pernas para o ar, e o quanto seu pau duro esperava por ela, e o quanto eles conseguiam gozar juntos. Então, ela, exausta, escreve que ele parecia um anjo, no entanto, era um safadinho daqueles, e ele riu a risada das mensagens, aquelas letrinhas r e s que se lêem juntas rrsrrsrrs, e eles despediram-se com todo o carinho, desejando boa noite um ao outro, durma bem.

E o silêncio voltou a se prolongar entre eles.



SEGUNDA-FEIRA

Bandejão

Aqui me tens de regresso...



de primata a hominídeo
de hominídeo a caçador
de caçador a coletor
de coletor a agricultor
de agricultor a funcionário público



nesta coluna de mármore,
 relevos comemorativos
 das vitórias cerratenses
 mostram claramente
 a maneira cordial
 com que os kã dangus
 matavam os prisioneiros,
 dando-lhes, antes da execução,
 caldo-de-cana com pastel-de-queijo

dom bosco profetizou
 que em Brasília iriam jorrar
 leite, mel, petróleo
 e água mineral sem gás
 (foi lama que jorrou)

como nada disso aconteceu
 os candangos
 questionaram dom bosco

meu negócio é profetizar,
 não é acertar

A VERDADE SOBRE A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

O senhor ainda acredita que foram os candangos que fizeram Brasília???? Em três anos??? Conversa fiada! Balela! Lorota! Quem fez foram os marcianos, e não gastaram nem três dias! Povo trabalhador que nem aquele eu nunca mais vi...



inaugurada,
brasilía tornou-se
uma cidade impura

desde então
nós nos sacrificamos
grampeando os dedos
nos protocolos
dos guichês públicos

para assim tentar
aplacar a ira
do deus kalimbu

o que não falei sobre brasilía
o tempo dirá por mim

profético, profano,
embaixo do pano,
pretencioso, ocioso,
antipático mas ético,
visionário, cego,
jk embalsamado,
lúcido





CONCLUSÕES DE UM NÁUFRAGO – A PARTIR DE UM DOMINGO ERMO

Têm razão aqueles para quem Bras-Ilha até hoje pouco difere de um grande descampado, arte-finalizado e traduzido por um silêncio eloquente. O domingo que passou reforça a intuição que os carnavais e réveillons desertos já ensejavam: que Brasília é uma cidade alugada. Algo como o oposto daqueles municípios de regiões me-tropolitanas, batizados de cidades-dormitórios, que dão à luz, diariamente, um exército para trabalhar na respectiva capital – exército que retorna à origem, moribundo e desfalcado, toda santa noite. Assim, por oposição, esta urbe inaugura a categoria cidade-escritório. Arrisco uma imagem: Brasília é um sítio alugado para trabalho, para um seminário interno, de planejamento estratégico, com duração de quatro anos. Ao fim do período, conclui-se também o contrato de aluguel. Mas ele é eventualmente renovável.

na praça dos três poderes
existe um buraco, pequeno e raso,
formado pela falta de uma pedra,
dessas portuguesas, brancas,
de calçadas

o buraco fica perto do meio-fio
que dá pro palácio

buraco que celebro neste poema



eu
teu eterno ex-poeta oficial
com estátua falsa
nome errado
pedestal caído
e sem placa
na praça-do-buriti-morto-
duas-vezes-favela



PÉS DE IPÊS

- Me encontra em frente ao ipê mais florido.
- Não é tempo de ipês...
- Me encontra quando for o tempo.

DEZEMBRO NEM PRESÉPIO /

Os shoppings, já pura fúria / Pior para a arvorada /
Que ainda ostenta colares apagados / Do Natal 2008

ENQUANTO O PAI NÃO VEM

Todos os anos ocorria o mesmo drama. O desfecho só era conhecido a poucos minutos de se estourar o primeiro espumante. Na infância, com as fantasias de família feliz, os atrasos eram sempre precedidos de agonia. Que horas são? Ele já ligou? Disse quanto tempo vai demorar? A cada toque do interfone, eu descia pulando os degraus de dois em dois até chegar à porta de vidro do edifício e, invariavelmente, preparava-me para abri-la com o sorriso escondido no peito.

O pai era mal-humorado de nascença e qualquer alegria lhe soava incoerente com a realidade da vida. O tal vale de lágrimas a que ele sempre se referia. Ainda assim, costumava aceitar meu abraço voluntarioso para, em seguida, conquistar a escada, sem pressa.

Como na maioria dos prédios das quatrocentos, o nosso não dispunha de elevador, o que aumentava o tempo da viagem até o terceiro andar. Ele seguia o roteiro:





reclamava do ciático incomodando, e a bengala mais atrapalhava o corpanzil longo do que ajudava a subir. De vez em quando, em seus melhores dias, ordenava que meu braço servisse como apoio. Eu ficava alegre por estar a seu alcance. Ele arfava um pouco, acho que menos pelo esforço físico, mais pela tensão de rever os filhos, netos e ex-mulheres.

Enquanto eu subia com o pai, podia imaginar como cada um iria conferir os menores detalhes. A mesa finalmente posta, mas sem o luxo declarado de porcelanas estrangeiras. Os pratos, brancos, assim como a toalha de linho, os guardanapos e demais acessórios. Flores eram obrigatórias, igualmente alvas, de um bom tamanho, que não impedisse a visão dos comensais. As taças de água e vinho tinham de estar dispostas a uma distância medida à régua. Dois centímetros. O peru não deveria ter mais de cinco quilos e os doces - panetones, rabanadas, frutas secas - eram considerados desperdício. Porém, não podiam faltar à mesa, como demonstração da fartura dos velhos tempos da Embaixada do Brasil em Roma.



Os comentários sobre as roupas dos convidados constituíam-se em capítulo à parte. Especialmente, se estes fossem as namoradas dos netos ou os maridos das ex-mulheres. Quanto à nós, filhas, era como se incorporássemos tradicionais personagens de natal, onde, no lugar do presépio, estavam dispostas à mesa um ancião e suas três filhas quarentonas. A mais velha fingia indiferença. A do meio, provocava até que ele se retirasse. A mais nova, eu, mantinha silêncio.

Do comprimento da saia ao tecido leve demais da blusa. Das unhas pintadas de vermelho a mechas falsas dos cabelos. Dos brincos aos saltos demasiado altos para mulheres de respeito. Dos perfumes franceses que, para ele, não passavam de cheiros baratos. Nada escapava a seu escrutínio.

O pai sentava à cabeceira da mesa e, então, mandava que o espumante fosse, enfim, servido. Liderava as conversas, e à medida em que bebia, tornava-se mais e mais arqueado. Eu sentia que era esse meu pai de verdade, o



ancião rude por fora, minimamente amoroso por dentro, encolhido em si mesmo, protegendo cada detalhe de seu corpo dos ataques da vida em família. Como um nervo exposto, pronto a saltar a cada toque.

O pai sempre teve a convicção absoluta de que fazia de tudo para se relacionar com aquela maldita família de ignorantes que resultara de suas péssimas escolhas conjugais. A primeira esposa fora bailarina do corpo de baile do Municipal, no Rio de Janeiro. A segunda era filha de um senador da República criador de gado no pantanal matogrossense. Minha mãe era uma típica filha da classe média baixa do Sul, ávida por reconhecimento social. Era professora de História na UnB e quase trinta anos mais jovem do que ele.

Nenhuma de nós havia seguido a carreira diplomática, tampouco ousávamos falar mais de cinco línguas. Lugares marcados à mesa era, para mim, mero ritual de uma tradição inventada. Os netos, metidos a surfistas do Lago Paranoá, temiam os possíveis diálogos com

o velho. Jamais iniciavam uma conversa, e cobrados, olhavam para o lado, procurando algo ou alguém que lhes socorresse à beira do afogamento. Seus pais correspondentes, empresário de segurança, pastor de igreja evangélica, e músico falido, nesta respectiva ordem, menos ainda. Este último, meu marido, nunca teve a chance de trocar uma palavra que fosse com o sogro.

Assim que os licores e o café eram servidos, ele esperava por uma última provocação e se retirava. Erguendo a bengala, quase em transe, fitava-nos desafiadoramente. Não se dava ao trabalho de se despedir, e, confesso, era o que esperávamos. Talvez não quiséssemos mais fazer o esforço de nos comportarmos à sua maneira. Eu cumpria a tarefa final de levá-lo até a portaria onde o motorista de sempre o aguardava. E voltava aliviada.

Tinha esperança de que, com os últimos acontecimentos, o pai mudasse de idéia e chegasse cedo ao jantar. Ele havia feito um pedido insólito pelo telefone. Queria um disco de cantos de passarinhos. De preferência, canários.





Na hora, tive um ataque de riso, mas consegui me controlar a tempo de perguntar se era um pedido sério. Ele pigarreou um pouco, o que não era seu estilo, e respondeu um sim categórico. Prometi que ia procurar em antiquários ou pela internet. Não tinha idéia de onde encontrar.

Dias depois do pedido, ele voltou a falar no tal disco. Entretanto, eu estava às voltas com o velório de mamãe, nem sei se cheguei a responder, talvez um sim, está bem, automático, sem pretensão de se tornar um ato concreto. Na mesma semana, o pai novamente me ligou com a irritante conversa e, como no ato final de uma ópera, rememorou, em tom dramático, os tempos em que seu próprio pai, mineiro de Santa Luzia, comemorava o Natal em família trancando-se no quarto escuro do casal para escutar um disco de canto de passarinhos na vitrola.

Enfim entendi a conversa como ameaça ao jantar de Natal que eu insistia em marcar ano após ano, ainda que estivesse de luto, como hoje, esperando por uma palavra do pai sobre mamãe - que nunca vinha.



São onze horas da noite e o disco está embrulhado sob a árvore iluminada. Todos estão a postos. Nem sinal do pai. A espumante parece gelada o suficiente. Confiro o relógio. Trago o peru da cozinha e o coloco sobre a mesa. Meu marido pergunta se pode cortar. Faço sinal de que aguarde mais um pouco. O silêncio passeia por entre as taças, os guardanapos de linho, os falsos sorrisos de paciência.

Pergunto as horas. Quase meia noite. Nada ainda. Sem sobressalto, caminho até o disco e desembulho o pacote com cuidado. Volto à mesa, sento e peço um uísque sem gelo. Tomo o primeiro gole e é como se o fogo que já ardia em meu estômago se incendiasse plenamente, preenchendo cada poro de minha pele. Pego a faca de trinchar peru. Sob olhares de espanto e um certo regozijo, começo a riscar cada milímetro do velho disco, com mais e mais e mais força. Até que ouço passos na escada.



AGOSTO

Nessa época até as mulheres ressecam. Ou será meu coração, que entra em tempo de estio?

QUEIMADA

não há poesia.
só esta marcha desconhecida,
que se arrasta pé por pé,
atravessando vastos campos
de cinza e silêncio:

um silêncio mais forte do que as lágrimas.

CERRADO

a gente se corta,
desfolha,
perde a cor,
o viço,
a flor
e volta.
a gente quer ser primavera.



CHOVEU

Intransitivamente.

Mas cheio de complementos.

Nas plantas, nos concretos, na poeira.

Choveu de leve. Só a ponto de pincelar de verde o arvoredado da capital. Pelo que dizem, esta é a chamada chuva da manga (ou do caju), que cai breve antes da estação úmida e permite a vinda de parte das floradas (e dos consequentes frutos).

Choveu só a ponto de conferir à passagem dos carros aquele som estaladinho, como de rolo de tinta na parede.

Chuva que não fecha o verão, não fecha a escola, não para o trânsito, não fecha a equação do EIA/Rima, não faz a rataiada abandonar o barco, mas engata uma similar no dia seguinte. Chuva estilo chorinho miúdo, soluçado.

Choveu só a ponto de molhar a voz das crianças e do passaredo. João-de-barro derrete?

E de interromper nossa queixaria respiratória, pelos mais de 120 dias de secura.

E no lugar dela vem aquela leve melancolia da serenidade, de ficar em casa, de dia sem cara de dia útil nem de fim de semana, de a gente conviver consigo mesmo. E com o que há de leve chuva do lado de dentro.





CHOVE CHUVINHA

Tão bom

Depois dela Brasília ficou como se moça
recém-saída do banho

BEIJO

As cigarras fazem um minuto de silêncio



As luzes dos postes se afogam nas poças
Quando eu passo
Os carros sangram



transposição das águas
do rio são francisco
para não deixar secar
o lago paranoá

o doente doa sangue
ao já quase morto



O DIA EM QUE OSCAR NIEMEYER
MORREU AFOGADO NO LAGO PARANOÁ

Sabe o que Juscelino fez quando viu o Lago Paranoá
pela primeira vez? Tirou o sapato e a meia, arregaçou a
barra da calça e caminhou sobre as águas, de
uma margem à outra. Niemeyer quis imitar, mas
quando chegou na metade do lago Deus lembrou que
além de comunista ele era ateu...



PONTE DOS REMÉDIOS

Pois ajudei, sim, a construir a Ponte JK, o senhor não
sabia? Meu remédio pra diabetes virou cimento, o da
pressão alta é a ferragem, o do colesterol se fez asfalto.
Morri, outros morreram, mas fizemos História: o
senhor conhece outro cartão postal construído pelos
doentes?



o trigo de zeus
o louro de apolo
o cipreste de héracles
a vinha de dionísio

o pequi de jk
o araticum de niemeyer
a cagaita de lucio costa
o buriti de burle marx



nós, candangos,
filhos bastardos da tribo perdida
de israel pinheiro
nosso pai, feitor e benfeitor

nós, candangos,
o povo eleito
para construir, em mil dias,
a primeira capital
do último dos impérios

a cabeça de ouro de jk
os olhos de ágata de jk
o peito de ferro de jk
os braços de bronze de jk
o pênis de prata de jk
as pernas de aço de jk
os pés de barro de jk

bem-vindo dom sebastião
o encoberto
de santo antônio do descoberto

o trono é teu
a espera é nossa
a fila imensa

nós, candangos,
súditos do reino dos carimbos mágicos
nós, candangos,
humildes servos dos clips encantados
nós, candangos,
escravos dos grampeadores falantes

de babilônia a brasília
nabucodonossor sonha
com leões alados
perseguido seriemas,
tatus e tamanduás



fulano é escritor, contista,
poeta, cineasta, escultor,
dramaturgo, músico, tradutor,
fotógrafo, pintor, roteirista,
jornalista, acadêmico, crítico,
professor, artista plástico,
colunista, editor, ensaísta,
romancista, ator

e funcionário público



passou no concurso público
mas nunca o chamaram

matou-se tomando litros
de tinta de carimbo (fez questão
de ser enterrado com os editais)

NA RODOVIÁRIA

Pastel é luxo, moço. O dinheiro não dá. Eu vivo é de
caldo de cana. O senhor não reparou nas abelhas?

MACABÉA

No térreo da rodoviária
Um jesus holográfico
Lhe pisca todo santo dia





um carimbo pergunta
pro outro:

será que existe
vida inteligente
em outras Brasília?



vamos brincar
de construir Brasília?

e se o nôno chegar?

ele vai brigar
com a gente!

CANTO

passeio em mim nestas noites de seca poesia.
perambulo pela poeira dos versos mal-resolvidos,
solto vapor pela sala atrás de uma taça de vinho
e, inebriada, tropeço na mágoa
que havia deixado num canto.



AVISO PROTOCOLAR

convém ter cuidado, meu bem.
eu, com esta cara de zen,
não passo de uma cigana dissimulada.
se eu sentir frio neste inverno,
te arranco de dentro do terno
e te amo desvairada.

depois, se eu estiver disposta,
me embaralho nas tuas costas
e te talho em espadadas.

vou embora mês que vem.
hoje acampo na esplanada.
se quiser carinho, tem.

mas muito cuidado, meu bem.
eu, com esta cara zen,
não sou além de uma louca.
quando vês, te arranco a roupa,

acabo com tua rotina diária.
não refuto nem visto luto
e te jogo nu
do viaduto da rodoviária.

(mais tarde, em cerimônia solene
- insônia com cheiro de sexo -
devoro tua alma perene
atrás de qualquer anexo).



CARNAVAL EM BRASÍLIA

Em Brasília

Não buzinamos

SETE DE SETEMBRO

Não jogue amendoim para os urutus

QUERMESSE

Só vi desmontarem

Os mil peixinhos com o beicinho fora d'água

Pedindo me pesquem



Ao depositar no chão suas rosas
A paineira espetaúda se recria
Invertida

PERNALTA

Socó, noturno, à beira-lago
do redondo museu duro:

Boi, bocó, desperdiçado?

Contando e recontando, noves fora,

Branças tilápias espalmadas, dezenas;
Alaranjadas carpas, unidades,
nas águas mal lavadas da república.

O que conta, joga pra dentro: Só conta de menos, oras.

MUSEU DO FUTURO

A senhora queria ver árvore? Só se for no museu.
Mas vá ligeiro, porque no lugar do museu já vão
fazer viaduto.



PASSATEMPOS 1

Pac Man nos corredores das Americanas

Dominó com os prédios da Esplanada

Footing com guarda-chuva no shopping

Egg-frying nos terreirões concretuais de Niemeyer

Rapel na catedral encamisada

Grito de Tarzan no ginásio masculino

da fisioterapia

fui o primeiro a chegar

em 57 disse o pioneiro

eu já tô aqui há uns 300 anos

falou o sertanejo

sou o índio ganho de todos

ganha não eu sou a pedra

para paulo bertran

PLANO

Tatuar um avião no cerrado

A ferro e fogo



BRASÍLIA 100 ANOS (Nº1)

Olha, há 50 anos isso aqui não tinha nada. Aí começou a Grande Marcha para o Noroeste, os pioneiros chegando com suas grandes TVs de plasma nas costas, derrubando árvores, matando os bichos... Dos índios, então, só restaram as almas penadas. Toda noite a gente ouve os tambores deles, os cantos de guerra... Ó, o senhor tá ouvindo? Presta atenção e se prepara: daqui a pouco começam as flechas.

o rápido avanço do mar,
através do lago paranoá,
obrigou os can dargos
a deslocarem-se para
zonas mais altas,
o que explica a existência
de sambaquis nas proximidades
das ruínas de um tipo de memorial
presumivelmente erigido
em homenagem ao fundador
da cidade desaparecida



BRASÍLIA 100 ANOS (Nº2)

Meu avô me falava das flores do cerrado. Mas aí acabaram com o cerrado, porque já não havia lugar pra tanto automóvel. Meu pai me falava do céu azul sem nuvens. Mas aí acabaram com o céu, porque já não havia lugar pra tanta espaçonave. E eu, vou falar o que pro meu filho?

aquela é a estátua de teseu,
maior herói cerratense
(sim, filho, maior que jk)

libertou brasília da opressão
do burocrotauro, um ser meio homem
meio carimbo que vivia pelos labirintos
dos ministérios, devorando lentamente
qualquer fila que se formasse a sua frente



um enorme círculo
de grandes carimbos
de pedra formava uma linha
contínua em volta
da esplanada dos ministérios

construído pelos dangos can,
uma raça de gigantes, já extinta,
que foram escravizados
pelos cratas buros para edificar
tal monumento

assim os cratas buros determinavam,
com precisão, o início e o fim
do expediente

brasilíia-bem-me-quer
brasilíia-mal-me-quer

brasilíia-meu-bem-querer

querer-não-é-poder



QUANDO ACORDOU,
o obelisco não estava mais lá.



brasília existe
desde sempre
e para sempre

mesmo que a terra
desapareça
brasília permanecerá

mesmo que a humanidade
se extinga
brasília continuará

(vai gostar de brasília assim
na casa do caralho!)

cidade-templo

tuas colunas somos nós

na entrada
ratos sagrados
petrificados
mumificados
embalsamados
de carimbo na mão

na saída
o número
do teu protocolo eterno
(teu cadastro único – o cu)

nossos deuses são mais profanos
que os teus



eu, súdito de Brasília,
me rebelo e toco
minha flauta mágica

ratos segurando carimbos
em direção ao lago paranoá

eu os afago
e depois os afogo

SAQUEI QUAL É A TUA, BRASÍLIA

Tu não tens vielas, como as cidades históricas mineiras ou as favelas das grandes cidades. Nem por isso te mostras à vontade aos forasteiros. E é irônico, pois foram eles que te construíram. Tu não abraças quem chega. Olha à distância. Do alto das torres do Congresso. Esperas sempre que se faça o primeiro gesto.

Tuas avenidas largas e o desenho do avião, porém, enganam os desatentos. É preciso olhar de perto. Tu tens muitas almas. Qual delas é capital? A dos pioneiros ou a dos concurseiros? A dos que moram em Águas Lindas e trabalham no Plano Piloto ou a dos que moram no Plano e nunca foram a Águas Lindas? A dos que pegam ônibus em Valparaíso ou a dos que vivem no Lago? A dos que patinam no Parque da Cidade ou a dos que andam, apressados, na W3 Sul?

Quem sabe é a dos meninos que fumam crack na Rodoviária? Ou é a das meninas que freqüentam o Gilberto



Salomão? A dos funcionários públicos? A dos triatletas? A dos funcionários atletas? A dos donos de lojas na Cidade do Automóvel? A dos produtores japoneses de hortaliças? Ou a dos chineses que moram no Cruzeiro? A dos que se refrescam na Água Mineral ou a dos que voam para a Bahia no Carnaval?

Ou é a das embaixadas? A da UnB? Será que é a das superquadras, do Beirute e da CNBB? A do Vale do Amanhecer? A da Sara Nossa Terra? A dos bispos da Universal? A dos goianos em Brasília ou dos brasilienses em Goiás? A do cenário de fundo do Jornal Nacional? A do boom imobiliário ou a da greve dos rodoviários? A das avenidas ou a das filas de carros?

Seria a cidade dos ôxes, vixes e nossas senhoras? Ou a dos porras, véios e caralhos? É a da chuva ou é a da seca? Do vermelho da terra ou do verde das árvores? Do azul do céu ou do cinza do cimento? A dos condomínios

irregulares? Do Conic? Da biblioteca sem livros? Do Clube do Choro? A do Gog? A dos Três poderes ou a dos desempregados?

Pensando bem, saquei qual é a tua, Brasília. Descobri a razão de seres assim, distante, à primeira vista. É porque quanto mais íntimos nos tornamos de ti, mais percebemos que por trás do concreto, no arrabalde das tuas linhas retas, moram tuas contradições tupiniquins. São muitas Brasília, Brasília, porque são muitos os Brasis. Tu és, para mim, a típica cidade brasileira.





CANDANGO

Ajudei a construir esta cidade, sim senhor. Não gosta dela? Reclama pro Juscelino. Minha responsabilidade é só pelo por do sol.

ENCRUZILHADA DAS ALMAS

Claro que me lembro! E como se fosse hoje: eu e meu caminhão carregado de areia, o caminhão e a areia sendo tudo o que eu tinha, e a escuridão do cerrado bravo, e eu ajoelhado na grande Encruzilhada onde é hoje o cruzamento dos dois Eixos, chamando Deus e Deus não vindo, eu chamando e Deus não vindo, e o que me veio de repente foi a idéia do Pacto, e eu saí dali com uma esperteza e uma coragem dos diabos, e vendi 1 milhão de vezes o mesmo caminhão de areia, entrando e saindo 1 milhão de vezes das mesmas obras, e foi assim que comecei meu Império... Sou-lhe grato; devo, não nego. Mas o senhor demorou tanto pra vir cobrar que eu nem mais Alma tenho, perdi nos Empreendimentos Imobiliários. Mas andei comprando umas outras, na Política. O senhor aceita fazer negócio?



jk não morreu

tragado pelo asfalto
desapareceu em meio
à poeira da via dutra

o corpo que repousa
no memorial é de outro,
mas com o mesmo nome:
o santo

jk está vivo e voltará

para trocar
de arquiteto

sobre as ruínas de sete capitais
jaz a cidade imperial: brásília

resumo de tudo: tebas, luxor, atenas,
babilônia, ninive, persépolis, roma

JK são as iniciais de Julio Kesar

saúdo tuas legiões de famintos

☞

o poder é mágico!

brásília! kabum!

(pronto, desapareceu!)



MASSACRE

Os candangos dormindo e os guardas da GEB fuzilando todo mundo com tiros de metralhadora, por causa da revolta contra a comida estragada. Eu mesmo morri, varado por muitas balas. Se voltei agora, 50 anos depois, foi pelo barulho da festa e porque não gosto de deixar obra pela metade. E falta fazer tanta coisa nesta cidade....



ANDRÉ GIUSTI

André Giusti é carioca, nasceu em maio de 1968 e 30 anos depois veio para Brasília. É autor de *Voando pela Noite (até de manhã)*, *A solidão do livro emprestado* e *A liberdade é amarela e conversível*, (7Letras) e *Eu nunca fechei a porta da geladeira com o pé em Brasília* (LGE), todos de contos, mas se arrisca também na crônica e na poesia. É jornalista e mantém o blogue www.andregiusti.com.br/blog/



FERNANDA BARRETO

Fernanda Barreto nasceu no verão de 1982, no Rio Grande do Sul. Mora em Brasília desde 2003, quando passou a admirar ainda mais a primavera. É jornalista, mas seu sonho profissional é ser leitora. Tem um batuque no peito, acredita no amor, aprende com as pessoas e vê poesia nas coisas. Daí, escreve. Publica quase tudo no blogue <http://transitivaedireta.blogspot.com/>.



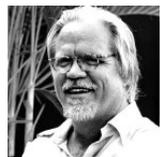
JOSÉ REZENDE JR.

José Rezende Jr. embarcou num pau de arara em Aimorés (MG) e chegou ao cerrado em 1959 para construir Brasília. Na verdade, ele nasceu em 1959 e só chegou em 1987, quando a cidade já estava construída. Na verdade, como diz seu personagem, ainda falta tanta coisa pra construir... O fato é que aqui José Rezende Jr. construiu carreiras jornalística e literária. Foi repórter do JB, IstoÉ, O Globo e Correio Braziliense e escreveu dois livros: *A Mulher-Gorila* e *Eu perguntei pro velho se ele queria morrer*. Aqui também construiu matilha: tem mulher, cachorro e gato e é feliz para sempre.



LIZIANE GUAZINA

Liziane Guazina tem dupla identidade: em Brasília, é gaúcha, e na terra natal, no Rio Grande do Sul já é considerada ‘estrangeira’, isto é, brasiliense. Também é jornalista e professora de Comunicação na Universidade de Brasília. Nos últimos anos, tem publicado em coletâneas e sites de literatura e de comunicação. É autora de *Entre Facas e mais alguns contos*, lançado em 2009, e mantém o blogue <http://entrefacas.blogspot.com>



NICOLAS BEHR

Nicolas Behr, nasceu em 1958, em Cuiabá, MT, vivendo em Brasília desde 1974. Publica seus livros de poesia desde 1977. No ano seguinte foi preso pelo DOPS, julgado e absolvido. Foi publicitário e hoje é produtor de mudas de espécies nativas, sendo especialista em palmeiras. *Laranja Seleta – poesia escolhida – 1977 – 2007* – é seu primeiro livro lançado por uma editora, a Língua Geral. A cidade de Brasília constitui um dos temas da sua obra.

paubrasilia@paubrasilia.com.br



PEDRO BIONDI

Pedro Biondi nasceu em 1976, em São Paulo, e tenta entender a capital dos setores desde 2005. É autor do livro de contos *Cheiro de Leoa* (Limiar, 2007) e mantém o blog www.pedrobiondi.wordpress.com. Jornalista, já atuou como repórter, editor e assessor de imprensa, além de ter publicado textos em diversos veículos. Seu coração hoje se encontra dramaticamente dividido entre a criação literária e os cliques fotográficos.

FONTES: MINION E AVANT GARDE.
PAPEL: CHAMOIS FINE DUNAS LD 80G.
IMPRESSO EM MAIO DE 2010, PELA
TEIXEIRA GRÁFICA E EDITORA, COM
TIRAGEM DE 1000 EXEMPLARES.

Uma cidade

Dois traços

Três poderes

Quatro pontos cardeais

Cinco décadas

Seis autores

Experimente esta mistura

50 ANOS EM SEIS

Brasília, prosa e poesia



<http://brasilia50anosem6.wordpress.com>

impressão:

